

# **ANAIS**

**II Congresso Internacional de  
Educação e Comunicação**

***“Trabalho e Conhecimento: novos  
desafios”***



União Dinâmica de  
Faculdades Cataratas



Université  
Toulouse

# Anais

## Artigos (Trabalhos Completos)



União Dinâmica de  
Faculdades Cataratas



*Université Toulouse*

II Congresso Internacional de Educação e Comunicação  
*“Trabalho e Conhecimento: novos desafios”*

08, 09 e 10 de setembro de 2010, Foz do Iguaçu, PR

**ANAIS**

**ARTIGOS (TRABALHOS COMPLETOS)**

**Comitê Geral**

Prof<sup>a</sup>. Rosicler Hauagge do Prado

Prof<sup>o</sup>. Acir Amilto do Prado

Prof<sup>o</sup>. MSc. Fábio Hauagge do Prado

Foz do Iguaçu, PR

2010

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

**União Dinâmica de Faculdades Cataratas - UDC**

Rua Castelo Branco, nº. 349, Vila Maracanã

CEP 85.852-010, Foz do Iguaçu/PR

Telefone: (45) 35236900

Home page: <http://www.udc.edu.br>

**Comitê Geral**

Prof<sup>ª</sup>. Rosicler Hauagge do Prado

Prof<sup>º</sup>. Acir Amilto do Prado

Prof<sup>º</sup>. MSc. Fábio Hauagge do Prado

**Comissão Organizadora**

Prof<sup>ª</sup>. Ângela Papandrea Luz

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Ludovico Bernardi

Prof<sup>ª</sup>. Sonia Cristina Poltronieri Mendonça

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Ana Solange Biesek

**Comissão Científica**

Prof<sup>º</sup>. Dr. Elisandro Pires Frigo

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Bruna Vielmo Camargo

**Comissão Avaliadora dos trabalhos de Educação**

Prof<sup>ª</sup>. Ms. *Ludovico* Bernardi

Prof<sup>ª</sup>. Sonia Cristina Poltronieri Mendonça

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Alessandra Cristina Valério

**Comissão Avaliadora dos trabalhos de Comunicação**

Prof<sup>ª</sup>. Sonia Cristina Poltronieri Mendonça

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Ludovico Bernardi

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Alessandra Cristina Valério

**Editores**

Prof<sup>º</sup>. Dr. Elisandro Pires Frigo

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Bruna Vielmo Camargo

Edízio Alencar Farias

**1ª edição**

1ª impressão (2009)

**Nota:** Os trabalhos que integram estes Anais do II Congresso Internacional de Educação e Comunicação foram submetidos à análise da Comissão Avaliadora composta por diferentes especialistas por área (Educação e Comunicação). O processo de seleção destes trabalhos seguiu critérios preestabelecidos por esta Comissão Científica. Contudo, todas as afirmativas, opiniões, conceitos, resultados e considerações finais aqui documentadas são de inteira responsabilidade de seus autores, assim como as versões aqui publicadas.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte constitui violação dos direitos autorais (Lei nº. 9.610).

# II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

## Promoção

### União Dinâmica de Faculdades Cataratas

#### **Comitê Geral**

Prof<sup>a</sup>. Rosicler Hauagge do Prado

Prof<sup>o</sup>. Acir Amilto do Prado

Prof<sup>o</sup>. Ms. Fábio Hauagge do Prado

#### **Comissão Organizadora**

Prof<sup>a</sup>. Ângela Papandrea Luz

Prof<sup>a</sup>. Ms. Ludovico Bernardi

Prof<sup>a</sup>. Sonia Cristina Poltronieri Mendonça

Prof<sup>a</sup>. Ms. Ana Solange Biesek

#### **Comissão Científica**

Prof<sup>o</sup>. Dr. Elisandro Pires Frigo

Prof<sup>a</sup>. Ms. Bruna Vielmo Camargo

# **II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**O II Congresso Internacional de Educação e Comunicação é uma das propostas proveniente das relações internacionais da UDC, mais especificamente da parceria com a Universidade de Toulouse (França), um dos programas para o Desenvolvimento Sustentável. Trata-se de um evento, que tem por objetivo estimular a produção científica de qualidade, oportunizando e socializando o conhecimento por meio de conferências, debates, apresentações de trabalhos técnico-científicos, reuniões de trabalho, feira e network, buscando criar e consolidar grupos de pesquisa. Além da comunidade acadêmica dos cursos de Letras, Jornalismo, Relações Públicas, Pedagogia e Publicidade & Propaganda da UDC, o evento é aberto a profissionais e toda comunidade.**

**Professor Mestre Fábio Prado**

**Diretor Geral**

## SUMÁRIO

A reinvenção do Homem: as formas de Masculinidade em Marcelo Mirisola (Alessandra Cristina Valério)	08
Enfoque sobre a equidade de gênero no Brasil e no mundo (Ademir Gabriel Paz, Luiz Carlos A. Pietro, Marcia Vezaro Pietro, Nicole Gill, Tatiani Martinez)	17
Literatura feminina: a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher na linguagem subjetiva de Clarice Lispector (Ana Lúcia Moreira Rios Coimbra de Araújo)	24
Escrevendo um futuro melhor (Sidclei Nagasawa Costa, Danyelle Cristina Gomes, Volnei Mozel Vitorino, Angélica Meirelles Oliveira)	37
A produção do Conhecimento e os Problemas Epistemológicos (Rosane Wandscheer Bortolini)	44
Fato social: o desinteresse e o descaso pela educação infantil dos filhos. (Aline Cristina Paro)	49



## A REINVENÇÃO DO HOMEM : AS FORMAS DE MASCULINIDADE EM MARCELO MIRISOLA

ALESSANDRA CRISTINA VALÉRIO<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Docente do curso de Letras e Comunicação da UDC, Foz do Iguaçu, Paraná -Brasil. [profeale@udc.edu.br](mailto:profeale@udc.edu.br)

Seção temática: Gênero e Diversidade da arte.

Apresentado no  
II Congresso Internacional de Sustentabilidade  
"Trabalho e Conhecimento: novos desafios"  
Brasil, 08 a 10 de setembro de 2010.

**RESUMO:** O presente artigo analisa as novas possibilidades de reorganização das identidades masculinas no espaço contemporâneo, as quais se refletem na literatura de Marcelo Mirisola. Os recentes modos de operar deslocamentos entre as fronteiras do masculino e feminino têm suscitado por parte de alguns teóricos a designação de crise da masculinidade que se refere aos modelos comportamentais adotados pelos homens atuais. Analisaremos alguns desses modelos nas obras *O azul do Filho Morto* (2002) e *Joana a contragosto* (2005) do autor contemporâneo Marcelo Mirisola.

Palavras-chave: masculinidade, contemporaneidade, literatura.

**ABSTRACT:** This article analyses the new possibilities of reorganization of the masculine identities within the contemporary spaces that reflects Marcelo Mirizolas literature. The recent manners to operate movements among the frontiers between masculine and feminine have awaken among some **studious** the designation of crisis of masculinity, concerning to behaviorists models adopted by modern men. Analyzing some of this models shown in the novel *O Azul do Filho Morto* (*The blue of the Dead Son*) (2002) e *Joana a Contragosto* (*Joana Unwillingly*) of the contemporary writer Marcelo Mirizola

Key-words: masculinity, temporarily, literature

**INTRODUÇÃO** É crescente o número de estudos centrados na busca de desvendar e explicar o que se denomina, atualmente, de "identidade masculina". Principalmente, no tocante à questão da fragmentação ou de uma suposta crise no paradigma identitário do ser masculino contemporâneo. A evidência desse colapso seria percebida nas diferentes formas comportamentais, assumidas pelos homens, face à revolução feminista deflagrada nos anos 70.

A multiplicação de posturas masculinas frente ao sexo, à paternidade, aos relacionamentos amorosos, aos cuidados de si e à manutenção do corpo têm suscitado questionamentos no sentido de haver (ou não) uma modificação profunda na constituição do masculino e feminino nas sociedades contemporâneas. A diversidade de papéis assumidos por homens e mulheres parece ter diluído a fronteira rígida que, até então, separava os dois universos e tudo o que a eles dizia respeito.

As possibilidades de reorganização familiar, núcleos com dois pais ou duas mães ou mesmo uma figura apenas; de procriação, fecundação *in vitro*, banco de esperma; de busca do prazer sexual, relações homoafetivas ou hetero, instantâneas ou duradouras, têm se configurado em um mosaico de alternativas sociais, que tem na pluralidade sua marca constitutiva.

Os desdobramentos dessas modificações transcendem o momento e se fazem presentes na literatura, como uma forma de expressão, de conhecimento específico da realidade. Esse

ponto de convergência entre literatura e sociedade, ficção e realidade possibilita uma abordagem significativa para tentar compreender a complexidade dessas reformulações da identidade masculina. Com efeito, a literatura produzida por Marcelo Mirisola se mostra um excelente ponto de partida para tal reflexão, uma vez que apresenta uma linha paradoxal de comportamento masculino, enfatizando uma identidade oscilatória, permeada de conflitos, marcada por irrupções de desejos, complexos, taras e desvios sexuais.

Portanto, o presente artigo analisará a constituição da identidade masculina com base nas obras *O Azul do filho Morto* (2002) e *Joana a Contragosto* (2005) de Marcelo Mirisola, abordando primeiramente as discussões acerca da construção de gênero e sexualidade e seus desdobramentos teóricos. Num segundo momento, delinear-se-á o contexto atual da literatura de Mirisola e as peculiaridades de sua obra e, por fim, buscar-se-á demonstrar de que maneira a obra desse autor congrega diferentes masculinidades que respondem aos anseios contemporâneos.

### CRISE NA MASCULINIDADE?

Carrara (2009) diz que o próprio termo "crise da masculinidade" deflagra a persistência de uma visão unívoca de identidade, ou seja, remete à possibilidade de uma distinção categórica e unificada do masculino e feminino. Percepção essa, que segundo o autor, reinou hegemônica até o final do século XX e que, agora, começa a se desestabilizar.

A predominância do masculino era algo, até então, não passível de problematização. Desde o século XVII, a ciência contribuiu para a justificação dessa hegemonia, pois com a proliferação dos ideais liberais, qualquer tipo de dominação deveria ser respaldada em conhecimentos científicos. Assim, os estudos biológicos e da medicina enriqueceram os argumentos masculinos engendrando estudos sobre a fragilidade feminina, marcada pela ausência ou pela inversão do masculino

"... a mulher era entendida como um homem invertido, cuja vagina era vista como "um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos" (Laqueur, 2001, p. 16).

Essa visão de mundo sexista disseminou-se através da própria linguagem, na qual o vocábulo *Homem* ganhou caráter universal para referir-se tanto a homens quanto a mulheres, o ser humano em geral. Nesse sentido, o masculino englobava o feminino, era uma categoria abarcante.

Carrara (2009) remonta Foucault, tecendo uma analogia entre a hegemonia masculina e o sistema de vigilância do panóptico, analisado por Foucault e tido como ícone de uma microfísica de forças, de controle. Assim como naquele sistema o controle ocorria "sem ser visto", apenas sentido, a dominação masculina também era funcional, mas não inteligível no contexto em questão, pois não se insurgia como uma categoria de análise e reflexão.

Depois dos trabalhos de Foucault, sabe-se que a emergência de um objeto de estudo, uma categoria de análise e um novo campo de saber é produto de uma série de forças, de um processo complexo e de conseqüências, muitas vezes imprevisíveis. Entretanto, essa irrupção está sempre ligada a uma vontade de verdade de uma época que, por sua vez, se concatena com modificações, em parte, imperceptíveis a "olho nu", mas que quando interligadas mostram-se capazes de operar transformações em uma dada conjuntura social. Nesse sentido, pode-se dizer que a masculinidade passa a ser passível de análise a partir dos anos 60, com a revolução feminista que levou a mulher a se outorgar direitos de igualdade, principalmente, no campo sexual, no controle de natalidade e no mercado de trabalho, assim como a disseminação do movimento homossexual

O movimento feminista, juntamente aos estudos de gênero, veio criticar a base secular de estrutura de poder que se mantinha até então, nascendo daí os *mens studies* (SILVA, 2006, pag. 10)

Segundo Carrara (2008), a partir dos anos 90, surge a necessidade da implantação de políticas públicas e de saúde cujo alvo seria a classe dos homens, bem como o surgimento de uma andrologia, uma medicina voltada para os problemas especificamente masculinos. O surgimento de doenças como a AIDS impôs a urgência de um olhar para as práticas sexuais masculinas e uma limitação em seu espaço de ação. A emergência dos estudos sobre o feminino e o homossexualismo engendrava um espaço para a visualização da masculinidade, em confronto com essas novas práticas.

### **SEXO E GÊNERO – *A gente não nasce mulher, torna-se mulher* – Simone Beauvoir**

A diferenciação anatômica dos corpos foi, numa perspectiva naturalista, critério inicial para a definição dos papéis sociais masculinos e femininos, durante muito tempo. Nascer fêmea ou macho, definidos biologicamente, era nascer pré-determinados culturalmente, tendo seus espaços, suas emoções, sua razão e seus desejos definidos por antecipação. Os discursos de feminilidade e masculinidade não só imprimiam nos corpos a sua forma, associando-os à força ou fragilidade, sensualidade e erotismo, mas também impunham a cada ser o seu papel, o seu lugar e o que podiam falar ou pensar a partir dessa posição.

A quebra desse paradigma, até então, era tida como desvio, anomalia ou mesmo doença. O indivíduo que não assumisse para si todos atributos e funções correspondentes ao seu gênero ou sexo, que não se amoldasse a esses requisitos sofreria as tradicionais sanções sociais que são ofertadas aos excluídos. Segundo Costa (1989)

...a identidade é formulada por sistemas de representações diversas, e corresponde ao modo como o sujeito se atrela ao seu universo sociocultural. O conflito identitário se dá quando o processo ou desempenho identificatórios são atravancados por contradições internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, não conseguindo realizar as exigências da norma identificatória e vindo o sujeito a sofrer psicologicamente, sendo sua identidade interpretada como desvio da normalidade (p. 22).

Assim, um ser que nasce macho deve assumir a sua identidade masculina, o que inclui ter desejo sexual por mulheres (exclusivamente), ser forte fisicamente, não ter acometimentos emocionais, mostrar-se racional, ser dominador e, principalmente, rejeitar para si qualquer atitude que remeta à identidade oposta.

Com a evolução dos estudos genéricos fica mais evidente a distinção que se faz entre gênero e sexo. Este uma determinação biológica, à qual todo indivíduo estaria fadado. Aquele uma construção social, mediada pelo confronto de vários aspectos culturais. Entretanto, Butler (2003) alerta para o cuidado que se deve ter com as classificações pautadas em dualismos. Pois "talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma" (p. 25). O que a autora quer dizer é que o sexo, conseqüentemente o desejo, assim como gênero são construtos sociais, constituídos através de discursos e práticas culturais.

Nesse sentido, não tem fundamento afirmar que o ser que se tornará feminino seja necessariamente fêmea, embora as perspectivas históricas e sociais tenham trabalhado, durante muito tempo, para que esse conceito assim se estabilizasse. Butler (2003) reitera esse aspecto afirmando que "A presunção aqui é que o 'ser' um gênero é um efeito" (p. 58, grifo da autora). Aceitar esse caráter de efeito seria aceitar que a identidade ou a essência são expressões, e não um sentido em si do sujeito e que, portanto, construídas a partir de um jogo de alteridade, de posições sociais, culturais ocupadas por um indivíduo dentro de um determinado tempo e espaço

A constituição da identidade de gênero está ligada, portanto, a uma multiplicidade de fatores resultantes dos diferentes deslocamentos operados pelos sujeitos em suas esferas de atividade. Essa construção resulta das possíveis combinações entre elementos como desejo, sensibilidade, estética, padrões emocionais, força. O estabelecimento dessas

identidades é plural, corresponde às definições socialmente localizadas, atende a diferentes interesses e necessidades culturais. Assim, tanto o masculino quanto o feminino podem ser definidos como um conjunto de possibilidades de combinação de traços comportamentais e físicos que atende aos anseios de um determinado grupo e /ou contexto social, historicamente localizado.

Desse modo, é possível compreender a emergência de definições e autodefinições como *homossexual, transexual, bissexual, travesti, transformista, gay, lésbica, metrossexual* que irrompem na sociedade contemporânea, revelando o leque de possíveis identidades adquiridas a partir da junção de diferentes características genéricas, antes atribuídas somente às categorias estanques *homem e mulher*.

## AS MASCULINIDADES E OS MOTIVOS DA SUPOSTA CRISE

A incipiência dessa concepção acerca da constituição dos gêneros que os compreende como fenômeno híbrido, flexível e dilui a barreira existente entre masculino e feminino, as abordagens ainda iniciais dessa compreensão coexistem paralelas aos modelos de masculinidade tradicional e moderna.

Apesar de identidade masculina contemporânea ter agregado traços distintos da identidade tradicional, que a aproxima mais dos caracteres tidos como tradicionalmente femininos, insurge-se, ainda, uma espécie modelo comportamental que busca padronizar o que seria o homem moderno. Esse modelo corresponde aos anseios suscitados pelos fatores culturais e históricos das décadas de 60 e 70, já especificados anteriormente, ou seja, basicamente, pode-se afirmar que as novas possibilidades de construção identitária feminina ocasionaram mobilizações no caráter identitário masculino.

Tais modificações cristalizaram-se em uma espécie de padrão de comportamento masculino contemporâneo que, em detrimento da flexibilidade e do leque de possibilidades de formação genérica, parece buscar fortalecimento de suas fronteiras, separando e fixando o que é ser homem em oposição ao que é ser mulher, gay ou bissexual. Assim, como o modelo hegemônico de identidade masculina tradicional buscava se afirmar, através da distinção e negação do feminino, o paradigma moderno busca reunir-se na dispersão e diversidade e embora mais flexibilizado, mantém suas regras e princípios de diferenciação.

Quando, no passado, não havia correlação entre o modelo genérico e o comportamento do indivíduo, ocorria a exclusão deste em função do poder normativo daquele. Já na atualidade, a não adequação do ser aos moldes de masculinidades possíveis gera a tão discutida crise da masculinidade. Crise esta que refere-se a sensação de mal-estar e indefinição que acomete o indivíduo diante da oscilação permanente do homem em relação aos modelos identitários hegemônicos, ou seja, ora apresenta traços da identidade masculina tradicional, ora da moderna, alternando, ainda com a recombinação de elementos variados da constituição do gênero.

A complexidade das situações sociais contemporâneas, principalmente no tocante às questões de relacionamento pessoal, exige do indivíduo masculino respostas diferentes às situações que anteriormente permitiam poucas possibilidades de ação. É no jogo da alteridade que o masculino atual vai sendo obrigado a constituir-se e reformular-se continuamente, uma vez que as regras desse mesmo jogo também se reformulam incansavelmente. Assim, o homem que se mostra autoritário e seguro frente aos amigos e colegas, é o mesmo que se mostrará mais sensibilizado diante da esposa, subserviente diante do patrão, ora conquistador e dominador, ora fragilizado e dominado. E que, por conseguinte, não sabe exatamente que postura tomar diante daquela reformulação do feminino que está a sua frente e que lhe exige uma postura, muitas vezes, conflitante com seus anseios e desejos.

Daniel Welzer-Lang (2006) constata essa mudança do comportamento masculino e a relaciona com outros indicativos da desordem genérica, ou seja, o surgimento das figuras

transgenders que sinalizam reorganização ou desorganização total dos aspectos sexuais, desejos e prazeres presentes no masculino

A paisagem social dos homens mudou. É certo que existem (alguns) homens progressistas ou igualitaristas que se encarregam totalmente ou em parte do trabalho doméstico, particularmente quando eles vivem sozinhos. Aqueles que lutam com as mulheres pela paridade na política, aqueles que confrontados ao duplo *standart* assimétrico do limpo e do sujo ou do amor tentam negociar, a qualquer preço, um entendimento igualitário com as mulheres. Há também aqueles que foram criados na mixidade e se confrontaram muito cedo com a necessidade de encontrar uma forma comum com suas amigas mulheres, algumas centenas de homens pró-feministas... (2006, p.470)

Pode-se afirmar que não houve um suprimento do modelo de masculinidade tradicional, nem a extinção da dominação masculina, mas uma diluição de suas fronteiras com o feminino, o que de alguma forma a promoveu certa igualdade entre os gêneros. Esse modelo tradicional convive com as formas contemporâneas de masculinidade e também feminilidade ora com tranquilidade ora gerando conflitos, as crises. Essas oscilações tendem a ocorrer diante do deslocamento de determinados aspectos constitutivos basilares na fundamentação dessas identidades. O quadro a seguir demonstra algumas noções de como isso ocorre:

MASCULINIDADE TRADICIONAL	MASCULINIDADE CONTEMPORÂNEA
Homem autoritário e dominador do sexo oposto. Considera natural ter várias parceiras, fora do relacionamento, vê no número de relações um reforço da virilidade, mas não admite a dissolução do casamento nem do núcleo familiar.	Postura democrática e parceiro das mulheres. Nesse modelo, a fidelidade no relacionamento é condição necessária para sua manutenção. A frustração de qualquer expectativa pode levar ao rompimento da relação e ao início de outra.
Corpo forte, saudável, viril, aparência rústica.	Corpo saudável, aparência mais suave.
Sem preocupações estéticas nem com a saúde. Resistência física como prova de macheza.	Cuidados com o corpo, uso de cosméticos, preocupações com as roupas, com a aparência e a saúde.
Heterossexual, a busca do prazer está centrada em si mesmo, com a penetração e culminando no gozo (ejaculação). Posturas sexuais dominantes.	Heterossexual ou bissexual sem ser penetrado. Preocupação com a avaliação da parceira, sente prazer em proporcionar prazer. Aceita ser dominado pela parceira.
Pai autoritário, não envolvido nas rotinas domésticas de cuidados com os filhos.	Divide a responsabilidade da educação dos filhos com a parceira, busca estar presente e ser participativo na rotina familiar.
Mostra-se racional e autocontido, não demonstra arroubos sentimentais.	Não tem problemas em mostrar suas emoções ou chorar em público.

## AS MASCULINIDADES EM MARCELO MIRISOLA

Marcelo Mirisola, paulista, nascido em 1966, publicou entre outras obras *O Azul do do Filho Morto* (2002), *Bangalô* (2003), *Joana a Contragosto* (2005), atualmente é colunista do site *Uol*. Possui contos e novelas publicadas em vários jornais e revistas do país, entre eles, a novela *Acaju: síntese do ferro quente*, na revista *Cult*. Manuel da Costa Pinto, ensaísta e editor da revista ressalta a singularidade do estilo do autor "*Junto com Fernando Bonassi, MM criou no Brasil um gênero novo: a literatura suburbana. Sua maravilhosa linguagem é uma demoníaca mistura de deboche oral e livres associações de idéias*"

Suas obras também foram objeto de crítica da imprensa comum que viu em suas obras uma "pretensa iconoclastia, pornografia, homofobia e machismo", como afirmou Jerônimo Teixeira, jornalista da revista *Veja*, em 2005. Marcelo Mirisola teve seu nome agregado a um grupo de escritores contemporâneos autodenominados de Geração 90, alcunha esta, criada

por Nelson de Oliveira que, em 2001, decidiu reunir uma coletânea de contos dos principais escritores, representantes, segundo ele, de uma geração de transgressores. O rótulo foi muito questionado e criticado, inclusive por MM, que, em entrevistas, nega fazer parte dessa intitulação.

Mesmo sendo uma designação questionável, devido às disparidades estéticas e temáticas, a pretensa Geração 90 passa a ser estudada e reconhecida por apresentar traços literários comuns, resultantes, em grande parte, por ser oriundos de um mesmo contexto cultural: o da década de 90. Portanto, a nomenclatura serve mais para disponibilizar uma análise funcional do que para rotular procedimentos literários ou estéticos comuns.

Luciene Azevedo (2004), em sua tese de doutorado *Estratégias para Enfrentar o Presente: a Performance, o Segredo e a Memória*, afirma que uma das principais linhas de atuações desse grupo, assim como da literatura contemporânea, é diluição entre os limites do real e o imaginário, da ficção e da realidade

Por essa perspectiva, a referencialidade biográfica ou social, tomada como obsessiva nas décadas de 70 e 80, pode reemergir com nova roupagem, agora teatralizada. Uma interpretação que condiciona o "recalque da ficcionalidade" ao privilégio do documental (leia-se: real) perde sua força já que os limites estão esgarçados, restando apenas o jogo a partir de sua imbricação. O que de certa forma enfraquece qualquer titulação enobrecedora da literatura, lançando-a no corpo a corpo do mais banal cotidiano. (2004, p.184)

A heterogeneidade, a fragmentação do indivíduo, a cultura mercadológica aparecem insistentemente nessa literatura, como também "vestígios do trauma das gerações anteriores, heranças de políticas de violência e exclusão que estabelecem continuidades perturbadoras com as décadas passadas" (VIDAL, 2005, P. 171)

A fusão do escritor e narrador Marcelo Mirisola é resultado dessa solvência da linha tênue que desenha os espaços do real e do ficcional, redefinindo, talvez, um novo objeto no interstício de arte e realidade. Essa realidade fictícia ou ficção real torna-se um espaço interessante para análise e interpretação das projeções de masculinidade que se entrelaçam na obra de MM.

Em *Azul do Filho Morto* (2002), as memórias do menino MM, criança de classe média consumista, já confirmam o que aponta Luciene Azevedo, é o ressurgimento do "homem, branco, macho, adulto, sempre no comando": "Mirisola é a contrapartida machista, paulistana e branca de Marilene Felinto". Em tempos de flexibilização dos perfis masculinos, o macho de MM parece se impor como uma reação a essa possível fragmentação identitária. Na contramão dos modelos contemporâneos de masculinidades, o narrador se autoafirma por meio de inúmeras referências ao modelo comportamental do masculino tradicional

Onde éramos – eis o lugar – felizes, eu e minhas barbies. Eu, além de ter vomitado nos cabelos de Maria Alice, a comi na praia de Cabeçudas, um pouco antes do dia amanhecer. Tomei vinho de garrafão na b... de Eliane e a fudi em pé – gozamos juntos (ela me garantiu que sim e me apelidou de pangaré, o tesudinho) - ; no dia seguinte, repeti o mesmo itinerário mamífero com Maria Alice, tudo premeditado, inclusive os orgasmos ao amanhecer. Experimentei o gosto delicado do sal na b... de Iris, e inventei que criava escargots para comer a telefonista macumbeira. O AZUL DO FILHO MORTO p. 125

O comportamento predador que enfatiza a macheza do indivíduo, a partir do número de parceiras sexuais, é o levante de uma reação a redenção do homem, a sua aproximação do

universo feminino. Essa contrapartida permeia todo o livro, marcado por passagens de violência, domínio e agressividade, traços característicos dos moldes machistas "Sou a favor do adultério e das putarias. A traição é um eufemismo nas gôndolas do Carrefour."(p.116) As práticas machistas chegam a se tornar obsessivas para o narrador, o que ele define como sendo o mais importante "enfiar nos buracos". A ausência de qualquer emotividade, a frieza brutal de suas relações efêmeras, a utilização das fêmeas, unicamente, como objetos de obtenção de prazer.

Eu descobri as palavras antes do sexo. Ou a pornografia antes do erotismo – junto com a ideia da mutilação. O que me fez entender que a sordidez e a fanchonice vinha em primeiro lugar e que o que realmente importava era enfiar o pau para dentro dos buracos. (p.138)

A brutalidade atinge o seu cume ao final do livro, quando o narrador se descreve abraçado ao filho morto, resultado de um dos vários abortos cometidos em seu nome, boiando num vidro de *maioneggs*. A negação da paternidade corrobora com a construção do ethos machista extremado, o abandono da afetividade e a busca do prazer centrado em si mesmo. Obviamente, a literatura de Mirisola beira o escracho, o exagero e despreza qualquer equilíbrio, entretanto a caricatura permite que se perceba a fluência e circulação da identidade masculina tradicional em meio a contemporaneidade. Esse perfil encontra ecos sociais que convergem ao seu favor na tentativa de fechar as fronteiras do masculino e lhe garantir unidade e coesão. A busca por essa unidade identitária se baseia no reforço aos aspectos agressivos da masculinidade, ressaltando a sua força, poder e domínio.

Assim em *Azul do Filho Morto* (2002), MM reabilita o macho enfraquecido pelas movências entre as fronteiras genéricas da contemporaneidade, proporciona-lhe força e se transforma num grito masculino de resistência à mudança, à deformação.

Já em obra posterior *Joana a contragosto* (2005), o narrador MM parece dissolver essa voz do macho ao se defrontar com um perfil feminino peculiar. Joana, 22 anos, não corresponde às formas tradicionais femininas e responde de forma imprevisível aos anseios do narrador.

Não quero aqui ter dúvidas com relação a Capitu que escolhi para mim. Eu não queria falar em decepção, sabia que ela não viria. Sei que Joana não me quer. (...) Ela me trai, ela me ama. Trepa com mulheres casadas. Adora crioulos. Diaba aidética. Cloaca de Copacabana. Traça ex-gordos peludos, românticos e letrados. Vampira, sanguessuga. Cocainômana. Sem camisinha, tesão. Louca varrida, filha-da-puta, canastrona, chantagista. Mulher

Pode-se afirmar que o perfil masculino tradicional só encontra espaço se houver no lado oposto modelo feminino passivo, absorvedor de todo rompante agressivo. Esse feminino tradicional estimula a delineação do macho e o respalda. Quando o comportamento feminino se distancia muito dos moldes tidos como habituais, o macho não encontra lugar, ou seja, ele precisa realizar deslocamentos na tentativa de compreender e lidar com essa mulher incomum dentro de seu plano de expectativas. É o que ocorre com Joana que se torna um enigma para o narrador, na medida em que suas atitudes fogem a qualquer padronização feminina. MM não sabe como responder a ela de dentro de sua roupagem masculina tradicional

O que Joana queria? Passar a noite com o escrito preferido? Me come você é o maior escritor do Brasil? (...) O que eu devia ter feito? Tê-la espancado? Saído sem pagar a conta do motel vagabundo? Um cafajeste, é isso que ela queria?. Não entendo.

Joana não quer compromissos, quer prazer, sem amarras nem limites. Não respeita sentimentos, é livre e usa os homens. Diante de uma mulher que nega a proteção masculina e a comodidade do casamento, MM encontra um ser singular mas ao mesmo tempo muito semelhante a si mesmo, pode-se afirmar que Joana poderia ser tranquilamente a versão feminina do próprio narrador. A ausência de sentimentos, as taras, o desprezo

pelos laços afetivos faz com que o narrador se depare com sua própria imagem no espelho. Um espelho feminino.

O resultado desse encontro de MM com ele mesmo é o sofrimento, o vácuo, o vazio. Joana o faz ter com o que há de pior nele mesmo, o seu próprio veneno.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O jogo social, a alteridade é o elemento definidor da constituição das masculinidades possíveis dentro de cada situação e de cada espaço. Não é possível afirmar que existe uma crise de identidade porque não existe uma identidade. O que há são respostas possíveis à situações diferentes que se desdobram na contemporaneidade. As possibilidades de recombinação de elementos dos moldes masculinos e femininos é que são maiores ou menores dependendo da situação social.

As obras *Azul do filho morto* (2002) e *Joana a contragosto* (2005) de Mirisola são artefatos que respaldam esse argumento, indicando essas diferentes respostas masculinas às situações em que se encontram. O que a contemporaneidade trouxe foi, na verdade, a possibilidade de se analisar esse homem, colocá-lo como objeto de estudo. Neste ponto, a literatura de Mirisola nos traz indicativos importantes para tentar deslindar esse novo objeto: o HOMEM.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luciene. *Estratégias para enfrentar o presente: a performance, o segredo e a memória*. Tese (Doutorado em Letras)–Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Configurações edípicas da contemporaneidade: *reflexões sobre as novas formas de filiação in Pulsional Revista de Psicanálise, São Paulo, ano XV, 161, 88-98, set. 2002*

FERNANDES, Diego. *O azul do filho morto*. Disponível em: <<http://www.screamyell.com.br/literatura/mirisola.htm>>.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. "Em cena os homens". *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 2, p. 370-374, 1998.

Joana a contragosto, de Marcelo Mirisola. Rio de Janeiro: Record, 2005.

O azul do filho morto, de Marcelo Mirisola. São Paulo: Editora 34, 2002.

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2010, vol.18, n.1 [cited 2010-10-25], pp. 161-170. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2010000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100009&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0104-026X. doi: 10.1590/S0104-026X2010000100009.

LAUB, Michel. A prosa caótica que leva ao sublime. Disponível em: <<http://revistaentrelivros.uol.com.br/Edicoes/10/artigo14515-1.asp?o=s>>.

MOREIRA, Moacyr Godoi. Nem uma coisa nem outra. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=766&semllimite=todos>>.

OLIVEIRA, N. *Geração 90:Manuscritos de Computador*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Geração 90: Os transgressores*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

VIDAL, P. *A duas mãos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MACHADO E SILVA, Regina Coeli. Um rosto para vestir, um corpo para usar: narrativa literária e biotecnologia. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 151-188, jan./jun. 2008

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. *Rev. Estud. Fem.* vol.13 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2005



II Congresso Internacional de Educação e Comunicação  
"Trabalho e Conhecimento: novos desafios"  
Brasil, 8 a 10 de setembro de 2010.



SILVA, Sérgio Gomes. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicol.cienc.prof.* v.26 n.1 Brasília mar. 2006  
WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Revista Estudos Feministas*, 2001, ano 9.



## ENFOQUE SOBRE A EQUIDADE DE GÊNERO NO BRASIL E NO MUNDO

**ADEMIR GABRIEL PAZ, LUIZ CARLOS A. PIETRO, MARCIA VEZARO PIETRO, NICOLE GILL, TATIANI MARTINEZ**

Acadêmicos do primeiro período de Letras – União Dinâmica Cataratas – UDC, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Seção Temática: Construção da Igualdade de gêneros

Apresentado no  
II Congresso Internacional de Sustentabilidade  
"Trabalho e Conhecimento: novos desafios"  
Brasil, 08 a 10 de setembro de 2010.

**RESUMO:** Apesar das mulheres serem insistentemente citadas em prosa e verso, enaltecidas em vários de seus atributos e cantadas como musas inspiradoras de muitos poetas, as estatísticas reveladoras de sua posição e condição social, revelam o inverso. Um passo importante, não somente para a construção, mas principalmente para a transformação social, é o reconhecimento e a afirmação dessas diferenças, tornando possível a redução do padrão de desigualdade entre homens e mulheres. Para alcançar esse equilíbrio é preciso promover ações que possibilitem a independência econômica das mulheres e lhes garantam no campo, na cidade ou em qualquer outro lugar, a igualdade de acesso e de oportunidades. Porque só com a igualdade entre os diferentes teremos justiça e desenvolvimento social.

**Palavras chave:** Desenvolvimento, equilíbrio e oportunidade

**ABSTRACT:** Although women are repeatedly cited in prose and verse, praised in many of their attributes and sung as muses of many poets, the reveal statistics about their social position and status, show the reverse. An important step not only for the construction, but mainly for social transformation is the recognition and affirmation of these differences, making it possible to reduce the pattern of inequality between men and women. To achieve this balance we need to promote actions that allow the economic independence of women and ensure them in the country side, in the cities or anywhere else the equality in access and opportunities. Because only with equality and justice will have different social development.

**Key Words:** Development, balance and opportunity

**INTRODUÇÃO:** Quando uma empresa incorpora o tema das relações de gênero com equidade em sua prática institucional, ela está demonstrando visivelmente a adoção de um novo *Paradigma de Relações entre os seres humanos e destes com a Natureza*. O equilíbrio nas relações de gênero é um tema eminentemente transversal e diretamente ligado ao equilíbrio entre os princípios e valores masculinos e femininos existentes em todos os seres vivos e historicamente desenvolvido pelos seres humanos. Esta questão emergiu com força no contexto das grandes mudanças vividas pela humanidade particularmente no final do século XX, quando a questão de gênero, após décadas de reflexão e ação do movimento de mulheres, entrou para o âmbito das políticas públicas chegando ao nível das políticas internacionais por ocasião das grandes conferências das Nações Unidas.

Estas políticas estão sendo implementadas em diversos países. Partindo do nível internacional, temos a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 18 de Dezembro de 1979, entrando em vigor em 03 de novembro de 1981, cujos parágrafos introdutórios são transcritos aqui, para melhor entendimento deste artigo

A idéia central deste artigo é, justamente, mostrar de fora para dentro as ações empreendidas no sentido de sedimentar a igualdade de gêneros, ou seja, partindo do âmbito mundial, passando pelos esforços da União, sem naturalmente deixar de comentar a



situação da equidade no meio acadêmico, mais precisamente discutindo a situação dos professores, para finalmente chegarmos à esfera local, sendo que para isso usaremos como tema o Fórum da Itaipu binacional.

## **CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS**

Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, a Carta das Nações Unidas traz o seguinte título: Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher. Essa carta discorre sobre as formas de discriminação e traz possíveis soluções para o combate das mesmas. O texto publicado no Diário do Congresso conta com o seguinte enunciado: "Considerando que a Carta das Nações Unidas reafirma a fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher,

Considerando que a Declaração Universal dos Direitos Humanos reafirma o princípio da não-discriminação e proclama que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e que toda pessoa pode invocar todos os direitos e liberdades proclamados nessa Declaração, sem distinção alguma, inclusive de sexo,

Considerando que os Estados-partes nas Convenções Internacionais sobre Direitos Humanos têm a obrigação de garantir ao homem e à mulher a igualdade de gozo de todos os direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos,

Observando, ainda, as resoluções, declarações e recomendações aprovadas pelas Nações Unidas e pelas agências especializadas para favorecer a igualdade de direito entre o homem e a mulher,

Preocupados, contudo com o fato de que, apesar destes diversos instrumentos, a mulher continue sendo objeto de grandes discriminações,

Relembrando que a discriminação contra a mulher violados princípios da igualdade de direitos e o respeito da dignidade humana dificulta a participação da mulher, nas mesmas condições que o homem, na vida política, social, econômica e cultural de seu país, constitui um obstáculo ao aumento do bem-estar da sociedade e da família e dificulta o pleno desenvolvimento das potencialidades da mulher para prestar serviço a seu país e à humanidade,

Preocupados com o fato de que, em situações de pobreza, a mulher tem um acesso mínimo à alimentação, à saúde, à educação, à capacitação e às oportunidades de emprego, assim como à satisfação de outras necessidades,

Convencidos de que o estabelecimento da nova ordem econômica internacional baseada na equidade e na justiça contribuirá significativamente para a promoção da igualdade entre o homem e a mulher,

Salientando que a eliminação do apartheid, de todas as formas de racismo, discriminação racial, colonialismo, neo-colonialismo, agressão, ocupação estrangeira e dominação e interferência nos assuntos internos dos Estados é essencial para o pleno exercício dos direitos do homem e da mulher,

Afirmando que o fortalecimento da paz e da segurança internacionais, o alívio da tensão internacional, a cooperação mútua entre todos os Estados, independentemente de seus sistemas econômicos e sociais, o desarmamento geral e completo, e em particular o desarmamento nuclear sob um estrito e efetivo controle internacional, a afirmação dos princípios de justiça, igualdade e proveito mútuo nas relações entre países e a realização do direito dos povos submetidos a dominação colonial e estrangeira e a ocupação estrangeira, à autodeterminação e independência, bem como o respeito da soberania nacional e da integridade territorial, promoverão o progresso e o desenvolvimento sociais, e, em consequência, contribuirão para a realização da plena igualdade entre o homem e a mulher, Convencidos de que a participação máxima da mulher, em igualdade de condições com o homem, em todos os campos, é indispensável para o desenvolvimento pleno e completo de um país, para o bem-estar do mundo e para a causa da paz.



Tendo presente a grande contribuição da mulher ao bem-estar da família e ao desenvolvimento da sociedade, até agora não plenamente reconhecida, a importância social da maternidade e a função dos pais na família e na educação dos filhos, e conscientes de que o papel da mulher na procriação não deve ser causa de discriminação, mas sim que a educação dos filhos exige a responsabilidade compartilhada entre homens e mulheres e a sociedade como um conjunto,

Reconhecendo que para alcançar a plena igualdade entre o homem e a mulher é necessário modificar o papel tradicional tanto do homem, como da mulher na sociedade e na família,

Resolvidos a aplicar os princípios enunciados na Declaração sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher, e, para isto, a adotar as medidas necessárias a fim de suprimir essa discriminação em todas as suas formas e manifestações." Seguido de 30 artigos divididos em 6 partes, todos voltados para a eliminação da discriminação contra as mulheres.

Segundo Virgínia Guzmán, coordenadora Sub-regional Cone Sul de ONG's para Beijing, na compilação que trata desse assunto, "Um Instrumento de Ação Para as Mulheres" a plataforma estabeleceu que a Assembleia Geral das Nações Unidas deve medir os processos alcançados em sua aplicação e que terá seu desempenho avaliado a cada dois anos. Interessante ressaltar que a plataforma não obriga os governos, mas convoca, a traduzi-la em planos nacionais de ação.

Este foi indubitavelmente um dos acontecimentos mundiais mais importantes da história no último quarto do século passado, tendo-se inclusive afirmado que o século XXI começou em Beijing (Virginia Guzmán), o que não deixa de ser verdade pelo menos do ponto de vista de proteção e projeção femininas. Este mega-evento contou com a participação de delegados governamentais de 184 países e aproximadamente cinco mil Organizações não Governamentais (ONGs) com estatuto consultivo e outras credenciadas especialmente para a Conferência que também se encontravam ali. Participaram do Fórum em torno de 30 mil mulheres e mil e seiscentos homens como representantes de diversas organizações sociais. É claro que o sucesso deste evento se deu também pelo fato de o movimento de mulheres já contar com uma vasta experiência quando da sua convocação.

No Brasil, esses movimentos trouxeram como consequência a criação da Secretaria da Mulher ligada à Presidência da República, a elaboração de Diretrizes de Governo a partir da Primeira Conferência Internacional de políticas para Mulheres e o consequente Nacional e o Plano de Ação que, atualmente, vem sendo paulatinamente implementado nos níveis federal, estadual e municipal.

## **GESTÃO PÚBLICA DA EQUIDADE DE GÊNERO**

No ano de 2004, aclamado como o ano da mulher no Brasil, o Governo Federal, ao criar a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), além de valorizar e considerar a tradição e a história do movimento feminista, deu forma a uma concepção que considera as relações de gênero como estruturais para as práticas de gestão pública. Neste mesmo ano foi publicada a compilação coordenada pela própria SPM descrevendo minuciosamente o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres contando com o apoio da UNIFEM, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher.

O passo inicial para dar forma a essa concepção foi a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (CNPM), convocada pelo presidente da República e coordenada pela SPM que, ao realizar essa tarefa, assumiu perfis tanto de gestão quanto de mediação. A sistematização dos resultados da I CNPM encontra-se no PNPM. Construído democraticamente, o plano está estruturado em torno de quatro eixos estratégicos de atuação: autonomia, igualdade no mundo do trabalho e cidadania; educação inclusiva e não sexista; saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos; e, enfrentamento à violência contra as mulheres (BRASIL - SPM, 2004).

O Programa Pró-Eqüidade de Gênero se enquadra na primeira área estratégica do PNPM e tem o perfil de mediação por se caracterizar como ação governamental de incentivo a equidade de gênero nas empresas.

Trata-se de uma ação afirmativa que visa mudar o patamar qualitativo da vida das mulheres e estimular a adoção de novas práticas no âmbito da gestão de pessoas e da cultura organizacional de empresas, contribuindo para a eliminação de todas as formas de discriminação no ingresso, remuneração, ascensão e permanência no emprego. O Programa está embasado no entendimento de que as assimetrias de gênero não serão enfrentadas considerando apenas a aprovação de leis, mas, sobretudo, pela adoção de em espaços onde a desigualdade de gênero encontra-se cristalizada. Esta concepção fundamentou os processos metodológicos adotados. Cada uma das etapas de implementação do Programa buscou dialogar com a cultura organizacional das empresas, com as subjetividades que ali se encontram, com o seu imaginário social e as individualidades que o produzem. Consistiu em um diálogo da empresa com ela mesma. Vale ressaltar que não houve competição entre as elas, mas sim uma análise interna.

A concretização do programa envolveu as seguintes etapas: concepção e preparação; divulgação e implementação, a partir da adesão voluntária das empresas; e elaboração da ficha perfil, plano de ação, pactuação, monitoramento e concessão do Selo Pró-Eqüidade de Gênero.

Cabe mais uma vez, destacar que o processo de concepção e preparação do Programa contou com a contribuição do UNIFEM, OIT e de instituições governamentais e não governamentais. A coordenação foi da SPM, sob a responsabilidade da Subsecretaria de Planejamento. O Programa contou, ainda, com o apoio do Comitê Pró-Eqüidade de Gênero, composto por especialistas e representantes de instituições governamentais, organismos internacionais, organizações não governamentais e sociedade civil.

## **AVANÇO NA IGUALDADE E RETROCESSO NO SALÁRIO**

Na Publicação do Fundo para Igualdade de Gênero (FIG) da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) observa-se os seguintes dados: “desde a década de 70, observa-se no Brasil o fenômeno internacional do envelhecimento da população.” Os avanços científicos e tecnológicos e a elevação da eficácia e da efetividade das políticas públicas contribuíram para o aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, para um aumento real no número de pessoas idosas. Por outro lado, registrou-se uma queda expressiva nas taxas de fecundidade, ou seja, uma redução do número médio de filhos por mulher, que também contribuiu para diminuir a participação de crianças e adolescentes de até 14 anos, mais notadamente das faixas de 0 a 9 anos, no universo populacional.

Verifica-se, a partir de então, uma mudança na estrutura e dinâmica populacional, com a progressiva ampliação do contingente de jovens, adultos, e das pessoas com idades superiores a 60 anos. Este processo tem reflexos importantes para a vida social, em particular para as mulheres, e impõe desafios à ação pública do Estado.

Chama a atenção que o percentual das mulheres rurais em atividade é maior do que o das mulheres urbanas. No entanto, a diferença na taxa de atividade entre mulheres e homens trabalhadores rurais é maior (27,1%) do que a registrada entre os homens e mulheres trabalhadores urbanos (20,2%). Esta situação poderia ser explicada, em parte, pela hipótese da maior “invisibilidade do trabalho da mulher rural”, em comparação com o da trabalhadora urbana, já que grande parte das atividades da mulher rural é classificada como “trabalho doméstico”, por confundir-se com o conjunto de cuidados dispensados à família e ao domicílio (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres).

Apesar de se tratar de dados apurados no biênio 2004/2005, uma das evidências mais significativas das desigualdades entre homens e mulheres no mundo do trabalho encontra-se nos rendimentos auferidos por cada um, quadro que se agrava quando analisado à luz da variável raça.

## **A MÃO DE OBRA FEMININA NAS ESCOLAS**

De cada 100 professores brasileiros em atividade, 83 são mulheres. O índice, que engloba a educação básica e superior, é o maior do mundo, de acordo com o levantamento realizado em 2003, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) envolvendo 34 países. O estudo mostra que, em todos os países analisados, as mulheres são maioria entre os professores da educação básica e minoria no nível superior. No Brasil, elas representam 92,6% dos docentes das primeiras séries do ensino fundamental e 40,8% na educação superior

A escola é um dos grandes agentes formadores e transformadores de mentalidades. O preconceito de gênero, que gera discriminação e violência contra as mulheres, se expressa no ambiente educacional de várias maneiras. Conteúdos discriminatórios e imagens estereotipadas da mulher ainda são reproduzidos em materiais didáticos e paradidáticos, em diferentes espaços e contextos educacionais. E, atitudes preconceituosas de professoras(es) ou orientadoras(es) educacionais podem contribuir para que determinadas carreiras sejam vistas como "tipicamente femininas", e outras "tipicamente masculinas". No nível superior, as mulheres são 76,44% dos matriculados na área de educação e 27% na área de engenharia, produção e construção. No ensino profissional os meninos são 87,6% dos matriculados na área de indústrias, enquanto as meninas são 94,4% dos matriculados em secretariado. Promover políticas de educação para a igualdade de gênero significa pelo menos: ampliar e melhorar a qualidade do atendimento educacional, incluindo a valorização profissional; aumentar as taxas de matrícula feminina em todos os níveis e modalidades de ensino e promover ações afirmativas para grupos específicos. O Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), com o propósito de elaborar e implementar políticas públicas de ações afirmativas, objetivando o acesso, sucesso e permanência de indígenas e negros - incluindo os quilombolas - em todo o sistema de ensino. Recentemente, o MEC fortaleceu a discussão de políticas públicas de ações afirmativas junto às universidades públicas com o objetivo de reserva de vagas para a garantia de participação de negros e indígenas. É preciso, ainda, criar estratégias de alfabetização de mulheres mais velhas e fortalecer as ações de atendimento às demandas educacionais das mulheres indígenas, ampliando a escolarização, melhorando a qualidade e consolidando a educação bilíngüe e multicultural. A inclusão educacional de crianças e de jovens contribui para a inclusão social das mulheres.

No campo legal-institucional é preciso consolidar, na política educacional e em seus instrumentos (diretrizes curriculares, normas, planos plurianuais, orçamentos, programas, indicadores de avaliação e acompanhamento, dados estatísticos), ações de promoção da igualdade de gênero, raça, etnia, orientação sexual e o respeito à diversidade religiosa, cultural, de gerações, entre outras. É importante integrar a ótica de gênero e raça nos levantamentos e análise de dados estatísticos, tanto por meio da desagregação de toda informação por sexo, raça e etnia, quanto pela inclusão dos temas nos estudos e questionários. A educação para a igualdade demanda formação constante de gestoras(es), professoras(es) e alunas(os).

## **UMA QUESTÃO DE CIDADANIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL NA ITAIPU**

O Ramo de Geração de energia elétrica sempre foi um nicho de empregos masculinos, os barrageiros que aqui chegaram, na década de 1970 e que grandemente contribuíram para o desenvolvimento de nossa região não imaginavam que este empreendimento poderia de se tornar o ícone da equidade de gêneros de hoje em dia.

A empresa possui um histórico de sensibilização e mobilização para as questões de gênero anterior à realização da I CNPM, à formalização do Comitê do MME e ao Programa, o que atuou como estimulador para a instauração de uma política de gênero no setor de Minas e Energia, incluindo outras gigantes do setor tendo inclusive como exemplo a própria Petrobrás e Eletrobrás.

A ficha perfil atual informa a existência de elementos de concentração histórica de poder nas relações de gênero e raça/etnia. No entanto, observam-se elementos atenuadores, como a forte presença de mulheres em setores como o jurídico, e sensibilidade no trato com as mulheres em seus momentos de reprodução, como, por exemplo, a concessão de auxílio-creche e remanejamento de grávidas.

Para enfrentar esses desafios indicados na ficha perfil, a empresa optou por fortalecer as ações previstas para o ano 2006 no Plano de Ação do Comitê de Gênero, referente ao período 2004 a 2007. No campo da Gestão de Pessoas, as ações consistiram em diagnóstico, produção de material de apoio didático-pedagógico, formação e reivindicação. Entre elas se destacam:

- atualização do perfil social, com destaque para a questão de gênero, raça e etnia, resultando na publicação de um caderno com a disseminação dos resultados;
- reivindicações para revisão do Plano de Cargos para empregados e empregadas, com equiparação salarial para empregados e empregadas que exercem a mesma função; condições para a mulher ascender a cargos de chefia e de direção; incentivo ao estudo e análise de gênero, incluindo também os homens; participação das mulheres em todas as decisões que dizem respeito à carreira, salários e assuntos gerais da empresa; implantação de uma ouvidoria para as questões da mulher. As duas ações criam as condições para o desenvolvimento de Práticas de Equidade de gênero e raça/etnia. No âmbito da Cultura Organizacional, as ações denotam caráter de mobilização, divulgação, preparação e institucionalização, dentre as quais se destacam:
- institucionalização do Programa até 2011 – com inserção no planejamento estratégico da empresa;
- solicitação ao Setor de Recursos Humanos, para que os cursos de capacitação em gênero sejam contabilizados para efeito de promoção interna.
- empoderamento de mulheres em postos de tradição masculina, a exemplo da diretoria financeira. Essas ações têm importância na promoção de Práticas de Equidade, devido ao seu caráter estruturante, seja na institucionalização ou no desenho da cultura organizacional.

A Itaipu Binacional promove, juntamente com empresas que já tem ações em andamento sobre a questão, eventos de alto nível sobre Gênero e Responsabilidade Social. Estes encontros contam com a participação de representantes do UNIFEM – Fundo das Nações Unidas para a Mulher – assim como diretores de empresas, particularmente envolvidos em ações afirmativas de gênero na área empresarial.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** É de conhecimento de todos os envolvidos que, os temas sócio-ambientais dialogam com a questão de gênero, não só porque as mulheres constituem a metade da população e são mães também da outra metade, mas pelo efetivo papel que ocupam na produção de bens e serviços e na reprodução da vida (nos níveis biológico, da reprodução dos seres humanos e da sociedade). Estas razões já incentivam a Equidade de Gênero que tem a finalidade de desencadear uma reflexão-ação sistemática para estabelecer na consciência de cada cidadão atitudes politicamente corretas, no intuito de aceitar a inclusão de mulheres no processo decisórios de desenvolvimento sustentável. É o sinal de uma nova cultura baseada na igualdade de direitos humanos, na equidade e reciprocidade entre homens e mulheres convivendo em sociedade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA, S.; O. e PIOLA, S. F. Aspectos estratégicos, programáticos e financeiros - balanço 1988-2002. Brasília: ATSM/MS, 2003.
- DEERE, C. D. "Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira". Revista Estudos Feministas, vol. 12, nº 1, janeiro/abril 2004
- PERSEU ABRAMO, Fundação. A mulher brasileira nos espaços público e privado. Como vivem e o que pensam os brasileiros no início do século XXI – Síntese dos resultados. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, outubro 2001.
- TELLES, E. Características sociais dos trabalhadores informais: o caso das regiões metropolitanas no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos* v. 19, Rio de Janeiro, 1990. p. 61-80.
- VARGAS (Orgs.) *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: NIPAS/UNICEF. 1994./ REPEM, Uruguai, 1996.
- VIEZZER, Moema, O Problema Não Está Mulher – Ed Cortez, São Paulo, 1990.



## LITERATURA FEMININA: A AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS DA MULHER NA LINGUAGEM SUBJETIVA DE CLARICE LISPECTOR

ANA LÚCIA MOREIRA RIOS COIMBRA DE ARAÚJO <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professora, Mestre, Professora do Curso de Letras e Pedagogia, UDC, Foz do Iguaçu – PR, Brasil, [ana@pptinformatica.com.br](mailto:ana@pptinformatica.com.br)

Seção temática: Construção da Igualdade de Gêneros

Apresentado no  
II Congresso Internacional de Sustentabilidade  
“Trabalho e Conhecimento: novos desafios”  
Brasil, 08 a 10 de setembro de 2010.

**RESUMO:** Procurando acompanhar as condições sociais e históricas da possibilidade de uma narrativa que apresentasse o olhar feminino sobre tais aspectos, mesmo em condições em que o campo literário era predominantemente masculino, é que o presente artigo tem por objetivo compreender, por meio de uma linguagem subjetiva, como a autora Clarice Lispector faz emergir, como num jogo de espelhos o modo pelo qual as subjetividades entre narradora e personagens femininas se situam diante do casamento, sexualidade, família, elementos chaves desse processo. O estudo justifica-se por meio dos conceitos relativos a respeito das produções literárias do primeiro período do século XX, os quais estiveram atrelados ao pensamento filosófico pós-guerra, na tentativa de explicar o que vinha acontecendo aos homens e à sociedade. Alguns teóricos, como Judith Butler, tentam mostrar que a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero é sublinhado pela presença de posições que pressupõem ser o gênero uma característica secundária das pessoas e/ou ser a própria pessoa, posicionada na linguagem como sujeito. Palavras-chaves: Gêneros, Subjetividades, Clarice Lispector

**ABSTRACT:** Trying to monitor the social and historical conditions from the possibility of a narrative that presents a female view about those aspects, even on conditions that the literary field was predominantly masculine is that this article has the purpose to understand, by means of a subjective language how the writer Clarice Lispector makes to emerge, as on a mirrors game the way by subjectivities between narrator and female characters are in front of wedding, sexuality, family, main elements of this process. The study is justified by the relative concepts about the literary productions from the first period of the twentieth century, which were linked to postwar philosophic thinking, trying to explain what was happening to men and society. Some theoretical, as Judith Butler, try to show a deconstruction of the discriminatory character of the ideologies of genus is underlined by the presence of positions that assumed to be the genus a secondary feature of people and/or to be the own person, positioned in the language as subject.

Keywords: Genres, Subjectivities, Clarice Lispector

**INTRODUÇÃO:** A produção literária do primeiro período do século XX apresenta conceitos relativos, os quais estiveram atrelados ao pensamento filosófico pós-guerra na tentativa de explicar o que vinha acontecendo aos homens e à sociedade. Em meio a este pensamento, surge no Brasil uma literatura cuja escrita de cunho subjetivista, parece ser a única explicação para o que ocorre com a sociedade. Preocupados em localizar na história uma literatura representativa do feminismo, alguns teóricos realizaram estudos preconizando a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher. A desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero é, segundo Butler (2008), sublinhado pela presença de posições

que pressupõem ser o gênero uma característica secundária das pessoas e/ou ser a própria pessoa, posicionada na linguagem como sujeito. Embora a literatura não seja marcada pela diferença de gênero, é parte de um processo de construção social e cultural, no qual as mulheres começaram a ter evidência na vida pública. Desta forma, é possível abordar a construção literária na perspectiva feminina, pois é a perspectiva da narradora e, ao mesmo tempo, um dos temas nucleares de Clarice Lispector. A produção literária de Clarice Lispector se insere em uma transformação radical da escrita, trazendo questionamentos sobre a noção de romance como gênero literário e propõe uma outra visão sobre a literatura, em especial, aquela produzida por mulheres. Ao estudar a obra **Perto do Coração Selvagem** buscou-se compreender não só como a escritora se insere em novos modos de narrativa literária, mas também destacar a relação subjetiva entre narrador e personagens femininas. A fim de estudar a relação de subjetividades, faz-se necessário esclarecer os conceitos de indivíduo, identidade e alteridade. Ao estudar o conceito de indivíduo e sociedade, busca-se estabelecer as relações dos modos de pensar nas pessoas e observá-las, trazendo-as para o mundo das relações na sociedade (exterioridade), que atribui à mulher diferentes papéis e identidades, objeto de interesse da abordagem feminina na literatura. O que se pretende verificar é como a literatura representa a mulher a partir de estereótipos culturais e os efeitos dessa representação na busca da independência.

**REFERENCIAL TEÓRICO:** O estudo tem contribuições teóricas obtidas em uma pesquisa bibliográfica da área da sociologia, através de autores como Norbert Elias, Judith Butler, Émile Durkheim, Anthony Giddens, Roberto DaMatta e, na crítica literária, de Antônio Cândido, entre outros. Procurou-se realçar as formas pelas quais a mulher revela, na escrita literária, a autoconscientização de uma condição que, por vários séculos, esteve submetida a uma condição de inferioridade. No que tange ao casamento, são apresentadas algumas idéias de Rougemont (2003), sobre o mito do amor cortês e de Giddens (1993) sobre as idéias do amor romântico. Apresenta-se os processos de individualização, desde o nascimento do sujeito "individualizado", segundo as análises de Durkheim (1978) e de Bauman (2001), procurando enfatizar a correlação entre individualização e transformação da identidade humana, a individualização feminina e a subjetivação, apontadas por Kanaan (2002) por meio do confronto com a alteridade. E, finalmente, discute-se os processos de subjetivação entre a narradora e as personagens femininas em **Perto do Coração Selvagem**, narrativa em que a autora Clarice Lispector parece realizar, por meio do jogo de identidades contrastantes, a construção de subjetividades.

**METODOLOGIA:** O presente artigo é um recorte, decorrente de um projeto de dissertação de Mestrado em Letras, da UNIOESTE, na área de concentração de Linguagem e Sociedade, cujo estudo realizou-se durante todo o ano de 2009. O estudo foi desenvolvido a partir da análise da obra **Perto do Coração Selvagem**, de Clarice Lispector, apresentando em seu original, três partes, a saber: a primeira compõe-se de um estudo sobre a trajetória da escritora por um campo literário quase que exclusivamente masculino, realçando as formas pelas quais a mulher revela na escrita literária as condições sociais e históricas da narrativa, evidenciando os novos papéis da mulher na sociedade; o segundo, procura acompanhar o desenvolvimento da consciência feminina no processo de emancipação, abordando aspectos sobre o casamento, a família e a sexualidade e, na terceira parte, discute-se os processos de subjetivação entre a narradora e as personagens femininas em **Perto do Coração Selvagem**. A relação subjetiva narradora/ personagens femininas se dá pelo fluxo da consciência apresentado por meio de uma narrativa em *flashback*, narrativa esta em que a trajetória da protagonista é marcada por lembranças do passado com o intuito de resgatar sua verdadeira identidade, ora como mulher-sujeito, marcada pela insubordinação, ora como mulher-objeto, definida pela submissão, resignação e ausência de voz. A importância de se estudar os processos subjetivos femininos está em enfatizar os enfoques dados na literatura feita por mulheres, especialmente aquele que visa o contexto histórico-cultural no qual a produção se insere. E, mais que isso, é tornar a noção de gênero

como uma configuração variável de posicionalidades discursivas sexuais, que são reencenadas na literatura. Desta forma, ao estudar a narrativa feita por mulheres em um contexto de produção tipicamente masculino, busca-se desmitificar a ideia de que a escrita feminina<sup>2</sup> seja inferior à masculina.

**DESENVOLVIMENTO:** A escrita das primeiras escritoras do início do século XX deveria contornar um espaço delineado em que predominava uma escritura masculina, produzida por uma estrutura social em que os homens detinham papéis-chaves nesse domínio da cultura erudita. Costa (1996) diz que as mulheres ocupavam um território clandestino, dado ao fato de que a escrita feminina, no sentido de gênero romanesco, tinha pouco reconhecimento do público e espaços pouco delineados de produção. Após o advento da Primeira Grande Guerra, as mulheres tiveram que abandonar suas casas e o seu papel de donas-de-casa para assumirem uma nova condição social: de trabalhadoras, em substituição ao trabalho braçal e operário, antes realizado pelos homens, como forma de manter a subsistência. Inseridas nesses novos papéis, as mulheres passaram a ocupar espaços antes exclusivamente masculinos, o que propiciou o avanço também na escrita, pois deixaram de produzir textos voltados à mulher, como receitas, sugestões de moda, etiqueta, para incluir reivindicações, histórias pessoais entre outros e, por que não, romances com o olhar feminino. Margareth Rago (2007), no artigo **Trabalho Feminino e Sexualidade**, conclui que a história sobre a interação das mulheres nos setores sociais no início do século XX significou muito mais uma construção masculina da identidade das mulheres trabalhadoras do que a própria percepção de sua condição social, sexual e individual. Desse modo, as relações entre homens e mulheres não eram transformadas em todos os espaços de sociabilidade; as mulheres tinham novas oportunidades de participação na vida social, mas não desfrutavam de condições de igualdade. O desenvolvimento das pesquisas sobre a produção feminina das primeiras décadas do século XX foi um passo importante para a promoção do conhecimento institucional de uma literatura "feita por mulheres". Esse (re)conhecimento traz como consequência inevitáveis questionamentos na historiografia literária, sobre a noção canônica de gênero literário (romance, conto, crônica, lírica), a fim de compreender formas literárias futuras, independentes dos modelos narrativos que se conhecem hoje (BOSI, 2005). Com isso, a existência de homologias entre a estrutura da obra literária e a estrutura social em que se insere o autor é fundamental para a tensão entre o escritor e a sociedade. Isto, talvez explique os paradigmas estabelecidos pelo mercado de valor literário e que se faz presente nas reflexões sobre a literatura escrita por mulheres. Conforme Butler (2008), o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representar as mulheres completa ou adequadamente acabou produzindo a visibilidade política das mesmas, em termos de gênero<sup>3</sup>. Observa-se no romance **Perto do Coração Selvagem** a presença de inúmeras vozes que refletem uma visão feminina sobre os problemas de identificação – da relação entre a subjetividade e a representação da diferença sexual – e das posições disponíveis para as mulheres como parte das condições de produção de significados na construção do romance. Em relação à literatura, não se pode negar que a produção de uma literatura feminina no Brasil já mostra quantitativa e qualitativamente sinais de seu potencial crítico e político, através do fenômeno da linguagem e da transposição da realidade social e psíquica. Os estudos sobre a escrita feminina, como é o caso clariceano, que visam dar maior autonomia à linguagem, é um entre os muitos resultados da longa trajetória das mulheres em busca, também, de seu direito de interpretação. Coutinho (1995) aponta que a obra literária é encarada como instituição

<sup>2</sup> Optou-se pelo uso do termo "literatura feminina", mesmo sabendo que o termo feminista não se refere ao sentido panfletário. Isto é, categoria política que preconiza a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, não apenas em termos legais, mas também em termos de práticas sociais.

<sup>3</sup> Butler (2008) chamou a atenção para as dificuldades encontradas quando se separa a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que esta é produzida e mantida. Para ela, o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente nos diferentes contextos históricos e se estabeleceu interseções com modalidades raciais, classistas, éticas, sexuais e regionais de identidades constituídas discursivamente.

social, ou seja, o fator social atua como fornecedor da matéria-prima, portanto, para interpretá-la é preciso elucidar os componentes da estrutura social em que aparece. Uma das formas de compreender essa inserção das mulheres são as formulações de Bourdieu (2005) a respeito do campo social de poder simbólico. No campo literário, quem possui o capital necessário ocupa posição dominante, nos mais diferentes campos de produção, fazendo com que o próprio campo literário ocupe uma posição dominada. No entanto, dentro do campo literário essas posições entre dominantes e dominados são reproduzidas, mas ao mesmo tempo invertidas. Essas posições são tomadas em torno da disputa sobre o que deve ser classificado como arte, de tal forma que o valor artístico de um autor é tanto maior quanto mais afastado ele está do mundo econômico. Percebe-se aí mais um dos motivos pelos quais a literatura feminista converte-se em verdadeiro desafio, pois ela é parte deste longo processo de automização da arte e da formação do campo literário. Lajolo (2004), em estudos sobre a leitura e escrita feminina, aponta que na primeira metade do século XIX as mulheres brasileiras transformaram o romance num gênero feminino<sup>4</sup>. O ensaísmo realizado por mulheres tem-se revelado problemático a partir de questionamentos feministas recentes, demonstrando que ao lado das formas legítimas que a historiografia sancionou (visto que muitas mulheres adotavam pseudônimos para publicar seus romances) e elegeu como compatíveis com o cânone clássico da literatura, havia uma literatura informal e que, ao vigor quantitativo e qualitativo destas formas excluídas, mostra o valor das noções institucionais referentes à caracterização dos gêneros. O romance **Perto do Coração Selvagem** apresenta uma narrativa em terceira pessoa, trazido ao leitor pela própria protagonista. Além disso, a estruturação dos capítulos não atende a nenhuma ordem cronológica, oscila da infância para a fase adulta, desta para a meninice e adolescência. O que mais importa não é o tempo cronológico, mas o tempo da memória, da introspecção. Um dos aspectos mais relevantes a ser observado nessa obra é o da identidade feminina: nos textos que assumem a ótica masculina, a mulher é o outro imanente do homem, o herói empreendedor é, sempre, o homem, ficando reservado à mulher o lugar de objeto silencioso, papéis doces, românticos, passivos. Em **Perto do Coração Selvagem** a identidade feminina luta para apropriar-se de si mesma, rompendo com as definições preconcebidas sobre as adequações de gênero. Rosenbaum (2002) ressalta que não só as personalidades da autora e da protagonista recusam as molduras paralisantes, mas também a escritura, a partir de um obscurecimento do fio narrativo, da perda dos referenciais romanescos familiares e do desmascaramento dos papéis sexuais e sociais construídos cultural e historicamente. O deslocamento das funções parentais está vinculado a elementos sócio-histórico-culturais, os quais também contribuíram para as mudanças do grupo familiar, principalmente quanto ao lugar da mulher e sua emancipação na sociedade e a função materna. A revolução da mulher foi uma das mais importantes revoluções do século XX; as mulheres ocuparam importantes espaços, demonstraram maior habilidade que os homens em alguns casos, aprendiam rápido os ofícios que assumiam, venceram preconceitos e ocuparam, definitivamente, seu lugar na sociedade. Para Butler (2008), as mulheres são a ausência e a opacidade lingüísticas e devem ser compreendidas pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero numa relação entre sujeitos socialmente constituídos. Seguindo o raciocínio de Butler, essa constituição social do sujeito representa, apenas, uma concepção dominante aos sistemas jurídicos. Dessa forma, o sujeito feminino se revela no discurso como um sujeito que procede vinculado a certos objetivos de legitimação e exclusão. a emancipação da mulher no início do século XX é inibida em grande parte por ele; algumas das publicações científicas e magazines eram destinadas às burguesas "donas de casa", justificando mais uma vez os papéis sociais. Com relação a esses papéis sociais, surgiu a idéia de que a mulher sintetizava em seu interior a existência

<sup>4</sup>Embora houvesse outros gêneros de leitura, como a versão brasileira da obra de Mary Woolstonecraft, *Vindication of the Rights of Woman* (Reivindicação dos Direitos da Mulher), traduzida pela escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta sob o título **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. Ela foi publicada em 1832, 1833 e 1839, reedições que sugerem sucesso e um público interessado em questões femininas, ao mesmo tempo em que usa da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres. Esta obra é mencionada no livro **A Moreninha**, de Joaquim Manuel de Macedo, como uma entre as muitas leituras de D. Ana, avó da moreninha.

de dois lados que oscilava entre o bem e o mal. Essa conceituação de sujeito feminino é, em grande parte, ainda hoje, responsável pela submissão e dependência da mulher, conforme Del Priori:

Vista como uma soma desarrazoada de atributos positivos e negativos, cujos resultados nem mesmo os recursos científicos cada vez mais sofisticados poderiam prever, a mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento de seu papel social de esposa e de mãe o que garantia a vitória do bem sobre o mal; de Maria sobre Eva. (PRIORI, 2007, p. 332).

Educadas no seio de um mundo feminino, as mulheres tiveram e em grande parte ainda têm, o casamento como destino normal, subordinando-as aos homens. A conjugalidade é parte desse processo e inscreve-se em relações e trajetórias distintas, tanto sociais quanto de gêneros. No plano existencial, através da relação com um outro significativo e da promessa de outros investimentos permanece ligada à produção de seres humanos. A conjugalidade também está associada à identidade pessoal e social, visto que através do outro significativo obtém-se recompensa e a gratificação pessoal; constrói-se uma maneira de ver o mundo e de se ver enquanto indivíduo. Segundo Giddens (1993), através dessa relação com o outro, na conjugalidade, o indivíduo pode dar ao grupo sinais de seu pertencimento, cumprindo aspectos da identidade social – o grupo dos casados, dos adultos, dos homens. Por meio da relação com o outro, Giddens (1993) diz que o indivíduo obtém recompensa pessoal, construindo uma maneira de ver o mundo e se ver enquanto indivíduo. O indivíduo imerso na sociedade está ligado aos outros de forma complementar, como nas relações conjugais, ou seja, é desindividualizado. Parece um paradoxo, mas na verdade, trata-se de um conceito de identidade que pode ser descrito como a consciência da continuidade. Uma vez inserido na sociedade, o sujeito perde a noção do individual e passa a assumir atitudes de um todo coletivo, daí a desindividualização. A reflexão sobre a família, na perspectiva sociológica do século XX, remete-nos a um reencontro com a questão feminina da década de 60 sobre o lugar da mulher na família. Na ótica de autores como Durkheim, a função materna é incompatível com a ideia de mulher autônoma, o que constitui em obstáculo à ideia de mulher-indivíduo (TORRES, 2000). A conjugalidade inscreve-se, desta forma, em relações e trajetórias sociais e de gênero a um significativo conjunto de indivíduos. Torres (2000) demonstra que a visão do casamento no início do século XX está associada a uma concepção específica sobre a vida amorosa e a liberdade dos dois sexos. Enquanto o homem vive o romance e o erotismo, sem preconceitos ou tabus, fora do casamento, a mulher sofre a alienação em relação a seu próprio corpo e a sua sexualidade na sociedade capitalista em que está inserida. A busca da autonomia feminina exprime a recusa a reproduzir os esquemas tradicionais e aumenta a vontade das mulheres de participar igualmente do processo de individualização, passando pela prática de projetos pessoais distintos daqueles em que estão inseridas. No romance clariceano em questão, observa-se certo receio da personagem feminina no tocante ao relacionamento, de deixar-se envolver por uma atmosfera romântica. O amor romântico é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual tende a conflitar-se. Esse envolvimento emocional é invasivo, perturbador das relações pessoais, arrancando o indivíduo das atividades mundanas, gerando uma propensão aos sacrifícios e, por isso, o amor é perigoso. Ele tanto pode conduzir à liberação dos laços sociais quanto pode ser uma das formas de submissão a eles, como ocorre no casamento, visto como resultado de uma escolha amorosa, segundo o ideal romântico. Quando se procura associar a ideia de identidade e autonomia à mulher é possível prever a existência de dissonâncias e de assimetrias de poder. Para a mulher se libertar de papéis sexuais preexistentes é muito mais complexo do que se possa imaginar. Giddens (1993) diz que, para Foucault, a criação

do biopoder explicaria a sexualidade, ou seja, o corpo torna-se um foco de poder disciplinar, um portador visível da auto-identidade, portanto, mais integrado às decisões individuais do estilo de vida. Assim, a formação dos laços matrimoniais baseava-se, além das considerações de valor econômico, à difusão dos ideais românticos do amor. Segundo Giddens (1993), a formação dos laços matrimoniais baseava-se em diferentes considerações, além daquelas de valor econômico. A história de Joana, em **Perto do Coração Selvagem**, revela essa imagem de esposa com a qual a personagem luta constantemente. A necessidade de intensificação das relações pessoais é aumentada em conformidade às expectativas que se cria em relação ao desejo de ser compreendido pelo outro. Expectativas mais elevadas implicam maiores desilusões, instabilidade crescente e incertezas. Rago (2004) diz que as mulheres desconstruíram, na prática e na teoria, as associações tradicionais que as condicionavam à separação das esferas sociais e sexuais, revelando que o lar não é o local aconchegante e tranquilo, mas, tanto quanto o público, é o lugar da competição, do exercício da violência de gênero. Muitos casamentos foram buscados por mulheres como uma maneira de libertar-se das vidas que as mães viveram, identificadas por essas com a domesticidade confinada. Paradoxalmente, o casamento é utilizado como um meio para se alcançar certa autonomia. As mulheres buscavam a liberdade da casa em que viviam por meio do casamento, pensando que a encontrariam neste e acabavam por confinar-se no mesmo. Elias (1994) diz que o processo de individualização é visto como um processo de civilização. Deste modo, a produção de significado associada à identidade pessoal e social, a tomada de consciência da individualidade, é decorrente do próprio desenvolvimento histórico. Isto significa que se obtém através da relação com o outro significativo, gratificação pessoal e se constrói uma maneira de ver o mundo e de se ver enquanto indivíduo, dando sinais de seu pertencimento ao grupo (das mulheres, dos casados) cumprindo, desta forma, aspectos importantes da identidade social. Ele também ressalta a ideia de que os indivíduos de uma geração ingressam no processo civilizador posterior, adaptando-se a um padrão de comportamento construído em todo processo social de formação da consciência das gerações seguintes, como também relaciona o processo de individualização com a crescente especialização dos indivíduos e das sociedades. Assim, a relação entre sociedade e indivíduo só pode ser compreendida se as entidades em interdependência forem investigadas como entidades opostas. A autorregulação que o indivíduo experimenta e desenvolve dentro de si, em contato com o social, torna-o único e são peculiares de cada geração. Bauman (2005) conceitua a individualização como a transformação da identidade humana, encarregando os atores da responsabilidade de realizar a tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização. Enquanto que para Bauman a modernidade significou uma constante luta contra a ambivalência, uma busca incessante de formas de conhecer, classificar e ordenar o mundo, Giddens (2002) ressalta que a questão da identidade, assim como a individualidade, sempre esteve presente mesmo nas culturas tradicionais, pré-modernas. A transformação profunda da situação das mulheres está ligada ao reconhecimento dos direitos privados; de seus direitos sobre o próprio corpo. Essa mudança permite compreender como o privado transforma e organiza uma parte do conjunto social, a formação do sujeito: sujeito/não-sujeito, subjetivação/dessubjetivação.

A noção de sujeito aparece com a ocupação da posição egocêntrica, num ato de objetivação do eu, constitutivo da própria identidade. A consciência da individualidade não pode existir antes da solidariedade orgânica, porque esta é aquela em que o consenso resulta de uma diferenciação dos indivíduos em que cada um dos quais exerce uma função própria. Assim, o eu é o “ato de ocupação da posição egocêntrica” e o surgimento do sujeito. Compreender como as formas materiais da individualização são produzidas e interferem na vida em sociedade, permite uma reflexão sobre o modo como a subjetividade feminina é constituída. a subjetividade é a percepção de si como tendo uma interioridade diferente e separada do exterior com o qual o indivíduo se relaciona com o mundo social. Enquanto o indivíduo é resultado da construção de valores compartilhados na dimensão cultural, constituindo assim, a experiência histórica e coletiva dos grupos, a subjetividade é o processo de construção de

si nos relacionamentos intersubjetivos, no jogo recíproco entre o eu e o outro. Deste modo, o indivíduo é referência empírica da ideologia individualista e a identidade individual é resultante do processo de socialização e interação social em contextos socioculturais específicos. A subjetividade se exerce num plano histórico-político, a partir do qual a forma sujeito emerge como efeito, num processo de produção dirigido à geração dos modos de existir, pensar e agir, em que o sujeito é o produto desse processo, objeto de estudo das ciências humanas. Algumas das personagens de Clarice Lispector, como Joana, de **Perto do Coração Selvagem**, apresentam relações ao plano de forças implicadas nesse processo de produção da subjetividade. Como consequência é preciso considerar as relações de poder e o caráter político que compõem este plano de produção. Neste plano, tanto sujeito quanto o mundo são efeitos dessa subjetividade, que é representada pelo mundo interno do ser humano, composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Compreende-se a subjetividade ao mesmo tempo como processo e produto. Como produto, reencontramos a noção de indivíduo, objeto de estudo das ciências humanas, figura cujos limites são delineados por regularidades garantidas por princípios gerais de funcionamento. Segundo Tedesco (1999) mais do que o efeito-sujeito ou produto- sujeito, a subjetividade inclui também uma dimensão de processo que implica a construção de si. Como consequência, é preciso considerar ainda o caráter classificador na construção de subjetividades e de gênero, que inclui um significado político e relações de poder.

A relação da identidade *eu* com a identidade *nós* do indivíduo está, segundo Elias (1994), sujeita a transformações muito específicas. O ato de observar a si mesmo e os outros produziu o efeito da autoconsciência e, juntamente com a multiplicidade dos pontos de vista, própria do homem moderno, chega-se ao espelhamento. Com isso, o indivíduo adotou um distanciamento para observar o que está a sua volta, reforçando o isolamento e, conseqüentemente, a sensação de estar desconexo da sociedade.

O desprendimento no ato de observar os outros e se observar consolidou-se numa atitude permanente e, assim cristalizado, gerou no observador uma ideia de si como um ser desprendido, desligado, que existia independentemente de todos os demais. (ELIAS, 1994, p. 91).

Elias afirma que as discussões sobre a relação entre indivíduo e sociedade são bastante frequentes e que “tudo o que se pode afirmar sobre as formações sociais baseia-se em observações de pessoas isoladas e de seus enunciados e produções” (1994, p. 80). Isto significa que, de alguma forma, a origem do nosso conhecimento está relacionada a uma forma de autoconsciência humana, demandando uma revisão de formas básicas de autopercepção e percepção do outro que vigoram em nossa sociedade. Por meio do jogo de lembrança e esquecimento é que se funda a dialética das representações e das identidades sociais. Esse jogo de lembrança e esquecimento é determinado pelo tempo, que pode ser entendido, segundo Durkheim (1978) como uma categoria social que reúne um complexo de sensações e de imagens que serve como meio de orientação individual. Desta forma, o tempo interior de cada indivíduo é orientado pelo tempo estipulado pela sociedade. A sociedade, para DaMatta (1994), pode ser invocada por meio de muitas vozes. Joana representa uma dessas vozes, a da mulher que procura sair do anonimato para a descoberta de si mesma e de tantas outras mulheres que são silenciadas pela sociedade. Os processos de busca de unificação do eu, aos quais todos os indivíduos em uma sociedade estão submetidos, podem ser observados em três momentos no romance, do ponto de vista da trajetória de Joana, personagem central do romance **Perto do Coração Selvagem**:

a. DE JOANA, MENINA, PARA JOANA, ADOLESCENTE: Esse primeiro momento é o da morte do pai de Joana, quando ela é obrigada a ir morar com a tia, ao mesmo tempo que descobre o amor, e as relações de amizade que mantém com o professor. Após a morte do pai, o mar parece para estabelecer uma ligação dele com Joana, que mergulha no mar

como se este fosse a sua tábua de salvação. Na verdade, este momento revela que Joana precisa enfrentar uma nova realidade: a de estar sozinha no mundo e ter que tomar suas próprias decisões. É o início da adolescência.

O mar, além das ondas, olhava de longe, calado, sem chorar, sem seios. Grande, grande. Grande, sorriu ela. E, de repente, assim, sem esperar, sentiu uma coisa forte dentro de si mesma, uma coisa engraçada que fazia com que ela tremesse um pouco. Mas não era frio, nem estava triste, era uma coisa grande que vinha do mar, que vinha do gosto de sal na boca, e dela, dela própria. (LISPECTOR, 1998, p. 38).

b. DE JOANA, ADOLESCENTE, PARA JOANA, MULHER: Após a convivência com a tia e o internato, Joana percebe que as interações sociais lhe afetam muito mais do que gostaria. Como menciona Elias (1994), o que se denomina indivíduo é resultado da relação mútua e que os mais diversos tipos de perigos e medos afetam essas relações. No encontro com a Mulher da Voz, Joana lhe indaga se não sentia falta de um homem em casa. Joana queria ter a certeza de que era possível viver sem a companhia de alguém. No encontro com Lídia, Joana relembra os encontros com Otávio, o início do namoro, o primeiro beijo e o dia do casamento, mas isso tudo não a completava. Para Joana, todos esses momentos eram vividos como solidão, pois as lembranças faziam com que ela ficasse voltada para si, como sugere a ideia de indivíduos estarem encapsulados em suas relações sociais. Por isso, ao deparar-se com momentos como os acima citados, preferia ignorá-los, ou ausentar-se de si mesma.

Tentou num último esforço inventar alguma coisa, um pensamento, que a distraísse. Inútil. Ela só sabia viver.

Até que a ausência de si mesma acabou por fazê-la cair dentro da noite e pacificada, escurecida e fresca, começou a morrer. Depois morreu docemente, como se fosse um fantasma. Não se sabe de mais nada porque ela morreu. Adivinha-se apenas que no fim ela também estava sendo feliz como uma coisa ou uma criatura podem ser. Porque ela nascera para o essencial, para viver ou morrer. E o intermediário era-lhe o sofrimento. (LISPECTOR, 1998, p. 77-78).

C. DE JOANA, MULHER-ESPOSA, PARA JOANA, MULHER-INDEPENDENTE: Neste último momento do romance, Joana rompe com um dos papéis sociais representado pelo gênero feminino ao abandonar o marido, viver uma aventura amorosa e decidir, por si mesma, recomeçar, como mulher independente ao deparar-se com o mar diante da partida do navio.

Não era obrigada a seguir o próprio começo...

Sobrevivera como um germe ainda úmido entre as rochas ardentes e secas, pensava Joana. Naquela tarde, já velha – um círculo de vida fechado, trabalho findo – naquela tarde em que recebera o bilhete do homem, escolhera um novo caminho. Não fugir, mas ir.

[...]

Amava sua escolha e a serenidade agora alisava-lhe o rosto, permitia vir à sua consciência momentos passados, mortos. Ser uma daquelas pessoas sem orgulho e sem pudor que a qualquer instante se confiam a estranhos. (LISPECTOR, 1998, p. 196).

Moita Lopes (2003) aponta que o contexto social não serve para moldar um ser ou identidade, mas para fazer esse ser existir. Desta forma, Joana não estava sendo condicionada por esse contexto, mas fazendo-se existir por meio dele. a contextualização serve para entender a natureza e condição de nossa experiência, enquanto agentes sociais, que tentam se organizar socialmente, construindo sua identidade social. Nossas experiências estão pautadas na relação com os outros, assim, o discurso tanto pode representar a vida social como realizar atos sociais, permitindo acompanhar, no romance, o

encontro de vozes femininas e o modo como cada uma delas se entrelaçam na busca por autonomia. Na verdade, o que se pretende é verificar como a identidade feminina é construída a partir de um discurso social que visa a atender e adequar às necessidades de uma sociedade de um determinado momento histórico. Este discurso feminino desempenha um importante papel na construção da subjetividade das mulheres, o qual tem contribuído para mantê-las na posição de subordinação. Rocha-Coutinho (1994) diz que o singular, através da interpretação simbólica, como é o caso do romance, passa a integrar um todo coerente. Qualidades que são atribuídas às mulheres passam a integrar um todo mais amplo, definindo assim, a identidade feminina. Essa identidade feminina é vista como uma construção discursiva que ultrapassa as particularidades dos indivíduos em consonância com os anseios de uma sociedade em um tempo determinado. A cultura, meio de representação e objetivação da experiência de homens e mulheres, está repleta de preconceitos aos quais os indivíduos dificilmente têm uma chance de se ver culturalmente. Clarice Lispector mostra no romance **Perto do Coração Selvagem**, através das personagens femininas, as relações subjetivas como um processo de individualização crescente.

Os capítulos iniciais do romance, que se alternam com cenas do passado e presente, acompanham o desenvolvimento de Joana menina para Joana jovem. Nos papéis que Joana menina inventa, o homem é submisso, inverso a todo o modelo de homem que a personagem tem:

Inventou um homenzinho do tamanho do fura-bolos, de calça comprida e laço de gravata. Ela usava-o no bolso da farda de colégio. O homenzinho era uma pérola de bom, uma pérola de gravata, tinha a voz grossa e dizia de dentro do bolso: "Majestade Joana, podeis me escutardes um minuto, só um minuto podereis interromperdes vossa sempre ocupação?" E declarava depois: "Sou vosso servo, princesa. É só mandar que eu faço". (LISPECTOR, 1998, p. 15).

A fantasia representa a sinonímia do devaneio, da esperança e rompe-se na medida em que a protagonista constata o quanto o sonho é transitório. Esse sonho é rompido pelo pensamento. Enquanto o homenzinho é submisso, o pai é protetor. Após a morte do pai, a personagem transfere ao mar, a nova fantasia, o abrigo que sentia na presença do pai, após beber de sua água, como num ritual de comprometimento.

Lá embaixo o mar brilhava em ondas de estanho, deitava-se profundo, grosso, sereno. Vinha denso e revoltado, enroscando-se ao redor de si mesmo. Depois, sobre a areia silenciosa, estirava-se... estirava-se como um corpo vivo.

[...]

De cócoras, as pernas trêmulas, bebeu um pouco de mar. [...] O mar, além das ondas, olhava de longe, calado, sem chorar, sem seios. Grande, grande. (LISPECTOR, 1998, p. 38).

O mar passa a representar a força, a presença masculina do pai, conforta a personagem no momento em que se vê sozinha no mundo. Segundo Elias (1994), essa transição de uma esfera para outra, ou seja, da infância para adolescência, é marcada por um corte notável na vida do indivíduo, podendo ser acolhida com maior ou menor dificuldade. A oscilação entre a autonomia masculina e a feminina faz com que a menina não saiba explicar os papéis sociais, principalmente quando toma consciência de sua existência.

Seus olhos se alargavam, escurecidos, misteriosos. "Tudo, tudo". Foi então que começou a mentir. – Ela era uma pessoa que já começara, pois. Tudo isso era impossível de explicar, como aquela palavra "nunca", nem masculina nem feminina. (LISPECTOR, 1998, p. 40-41).

Elias (1994) afirma que a trajetória que o indivíduo assume para se tornar uma pessoa autoconfiante e autônoma torna-se mais complicada à medida que aumentam as exigências

feitas a seu autocontrole da consciência. O período que transcorre entre infância e idade adulta social também influencia os jovens na assimilação da sociedade adulta. Por isso, a presença da tia incomodava tanto *Joana*; a tia era o modelo de adulto que não pretendia seguir: o modelo de esposa, de mãe, de feminilidade que não lhe agradava. A rotina social da tia aumentava a probabilidade de *Joana* de não conseguir atingir o equilíbrio entre as inclinações pessoais e os deveres sociais. Sabe-se que a narrativa é realizada pela personagem *Joana* em um fluxo temporal e, por vezes, a impressão que se tem é de que há outra narradora, apontado por Bakhtin (1992) como espelhamento. Segundo Elias (1994), quando o pensamento e ação estão ligados, somos capazes de estabelecer elevado grau de correspondência entre nossas idéias e expectativas dos outros, daí a aproximação ou o espelhamento: o indivíduo consegue ver-se no outro pelas experiências das ações.

Eternidade não era a quantidade infinitamente grande que se desgastava, mas eternidade era a sucessão.

Então *Joana* compreendia subitamente que na sucessão encontrava-se o máximo de beleza, que o movimento explicava a forma – era tão alto e puro gritar: o movimento explica a forma! – e na sucessão também se encontrava a dor porque o corpo era mais lento que o movimento de continuidade ininterrupta. (LISPECTOR, 1998, p. 44).

É visível como a narradora torna o pensamento dela e de *Joana* como um jogo de espelhamento, fazendo com que a consciência daquela reflita na consciência da personagem. *Joana* é uma personagem que vive o conflito de viver ou não sua condição feminina, ou seja, de conviver com papéis socialmente instituídos. Ao assumir-se apaixonada por Otávio, após dias relutando com o sentimento, cede, finalmente, e chora.

Carregou consigo o corpo doente, um ferido incômodo, durante dias. A leveza fora substituída por miséria e cansaço... Chorou livremente, como se esta fosse a solução. As lágrimas corriam grossas, sem que ela contraísse um só músculo da face. Chorou tanto que não soube contar. Sentiu-se depois como se tivesse voltado às suas verdadeiras proporções, miúda, murcha, humilde. Serenamente vazia. Estava pronta. (LISPECTOR, 1998, p.98).

Estar pronta significa aceitar a condição feminina socialmente instituída. Assumir definitivamente o papel ao lado do homem como esposa, amante e submissa. Por isso sentiu-se miúda, murcha, humilde. *Joana* deve abandonar a bandeira pela qual luta incessantemente para cumprir seu papel social. *Joana* busca a todo instante por sua identidade, mas só compreende que a obterá quando definitivamente romper com a sociedade e com ela mesma os padrões instituídos. Essa tomada de consciência pode ser verificada nas passagens:

O que nela se elevava não era a coragem, ela era substância apenas, menos do que humana, como poderia ser herói e desejar vencer as coisas? Não era mulher, ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-a sempre em transição.

[...]

[...] E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconscientemente, pisando em mim, na minha verdade, tão integralmente lançada no que fizer que serei incapaz de falar, sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nós que existem dentro de mim [...](LISPECTOR, 1998, p. 200-201)

Todos esses momentos contribuem para a constituição da personagem como indivíduo, o que para Elias (1994) nada mais é que a relação mútua que se estabelece entre o sujeito e a sociedade. O fluxo de consciência representado como um conjunto de técnicas narrativas que expressam a interioridade tem a função de representar a interioridade, ao mesmo tempo, como algo desprendido da materialidade e como uma dinâmica da mente, na qual

pensamentos, sentimentos, imagens e impressões são associados entre si de forma contínua, incessante. Remetendo-se à Joana, a narradora deixa transparecer que entre os diversos papéis que a mulher ocupa socialmente, destaca-se o de ser objeto do desejo masculino quando afirma que Otávio sente-se atraído por bustos grandes. Nesses processos discursivos da narradora e Joana, os papéis sociais da mulher estão bem definidos. A literatura clariceana é parte de um conjunto de valores, marcado pela contradição interna entre o individualismo, como valor universal gerado pela sociedade burguesa e, as limitações impostas por esta sociedade às possibilidades de desenvolvimento do indivíduo. Segundo Rocha-Coutinho (1994), toda identidade individual é sempre abstrata, sem existência real. Ainda que indispensável como ponto de referência, é operada por agentes históricos que dissolvem as heterogeneidades e, por meio da representação simbólica, passa a integrar um todo coerente. Em **Perto do Coração Selvagem** Joana luta para apropriar-se de si mesma rompendo com as definições preconcebidas sobre as adequações que seriam as subjetividades femininas.

Ela se afasta fazendo uma trancinha nos cabelos escorridos. Nunca nunca sim sim, canta baixinho. Aprendeu a trançar um dia desses. Vai para a mesinha dos livros, brinca com eles olhando-os a distância. Dona de cães marido filhos, verde é homem, branco é mulher, encarnado pode ser filho ou filha. "Nunca" é homem ou mulher? Por que "nunca" não é filho nem filha? (LISPECTOR, 1998, p. 17).

As indagações que aparecem durante toda a narrativa é um indício de que a narradora convida o leitor a fazer parte da ficcionalização, ao mesmo tempo em que procura trazer ao leitor uma posição em relação à identidade e sua importância para o contexto social. A personagem Mulher da voz é uma das personagens clariceanas que apresenta relações ao plano de forças implicadas no processo de produção da subjetividade. A personagem não tem um nome. É simplesmente a mulher da voz, porque é identificada como uma das mulheres que têm apreço pela liberdade, pela autonomia e pela própria independência. DaMatta (1997) diz que em sociedades relacionais, onde as pessoas têm o seu valor interno, a perda do cônjuge pode configurar outra situação. Neste caso, o caráter de individualização da mulher da voz é decorrente da solidão pela morte do marido. Recém-casada, a mulher da voz perde o marido quando se encontrava ainda grávida e essa situação a obriga a ser independente, individualizada. A viuvez vivida pela personagem Mulher da voz situa muitas mulheres, conforme apontou DaMatta (1997), numa terra de ninguém. Isto porque, na sociedade como a brasileira, a mulher viúva tem todas as vantagens da moça solteira e da mulher casada por ser englobada jurídica e politicamente pelo marido. Muitas dessas mulheres são postas à marginalização da sociedade por serem viúvas, descasadas ou até mesmo mães solteiras. A identidade feminina é representada socialmente e está intimamente ligada a suposições mais gerais a respeito das idéias e mitos mais importantes, como os de que a mulher deve atender às necessidades dos outros, ser responsável pelo bem-estar de sua família, e da legitimação da autoridade no grupo a que pertence. A presença desta personagem no romance representa a autonomia dessas mulheres que, por uma razão ou outra, não conseguem manifestar a sua individualidade ou a identidade feminina.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Nas diversas leituras realizadas sobre Clarice Lispector prevalece a ideia de uma escrita inusitada, inovadora, que rompeu com padrões pré-estabelecidos, de que a escrita deva ser linear, objetiva. Ao optar por uma escrita em que a consciência individual é o centro de apreensão do real, resultando na atmosfera insólita e volátil que compõe o fluxo de consciência, Clarice Lispector realiza no romance o que parecia ser impossível para o romance moderno brasileiro. Ao se realizar este estudo sobre o romance **Perto do Coração Selvagem**, o que se pretendia era verificar quão intensa era a relação subjetiva entre narrador, autor e personagens na escrita clariceana e como era possível desconstruir o caráter discriminatório das ideologias do gênero. Do ponto de vista

da narrativa literária, o processo de construção de subjetividade torna-se claro; o sujeito emerge como efeito num processo de produção dirigido à geração dos modos de existir, pensar e agir, em que o mesmo é o produto desse processo. Deste modo, a narrativa de Clarice Lispector contribui para a nossa compreensão a respeito do elevado nível de individualização e até mesmo de solidão das mulheres, por estarem em um contexto onde as possibilidades de liberdade e autonomia ainda eram muito restritas, como se pode observar no estudo de **Perto do Coração Selvagem**. Ele contribui para desmistificar uma série de estereótipos que a sociedade moderna impõe aos indivíduos, como a necessidade de se destacar, de ser alguém por si, ao qual a sociedade dos outros se opõe como algo externo e obstrutivo. A compreensão da narrativa de Clarice Lispector permite visualizar esse jogo de subjetividades, sobretudo no modo como a mulher luta para apropriar-se de si mesma em **Perto do Coração Selvagem**: visando um distanciamento do olhar masculino, mas o fazendo a partir dele e de outros olhares femininos, buscando, ao mesmo tempo, romper com as definições preconcebidas a respeito dos sexos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. Identidade. Entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 42ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. 8ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002.
- \_\_\_\_\_. [et.al.] A personagem do romance. In: A Personagem de Ficção. 10.ed. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva S.A., 2002, p.51-80.
- COSTA, Maria Osana de Medeiros. A Mulher, o Lúdico e o Grotesco em Lya Luft. São Paulo: Annablume, 1996. – (Selo Universidade; 54)
- COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura no Brasil. 16ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- DAMATTA, Roberto. Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- \_\_\_\_\_. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: introdução e conclusão. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. (Biblioteca Básica). 1991.
- \_\_\_\_\_. Modernidade e Identidade. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- LAJOLO, Marisa. Como e Por Que Ler o Romance Brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. Perto do Coração Selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.
- PRIORI, Mary Del (org.). Carla Bassanezi (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.



- RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. .In: História das Mulheres no Brasil / Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROSENBAUM, Yudith. Clarice Lispector. São Paulo: Publifolha, 2002. (Folha Explica)
- VIEIRA, Telma Maria. Clarice Lispector: uma leitura instigante. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- ROSENFELD, Anatol [et.al.] Literatura e Personagem. In: A Personagem de Ficção. 10ed. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva S.A., 2002, p.9-49.
- ROUGEMONT, Denis de. A história do amor no Ocidente. 2.ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003.
- TORRES, Anália. *A individualização no feminino, o casamento e o amor*. In: *Família e Individualização*. Orgs. Clarice E. Peixoto, François de Singly e Vincenzo Cicchelli; Trad. Ângela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.



## ESCREVENDO UM FUTURO MELHOR

SIDCLEI NAGASAWA COSTA<sup>1</sup>, DANYELLE CRISTINA GOMES<sup>2</sup>, VOLNEI MOZEL VITORINO<sup>3</sup>, ANGÉLICA MEIRELLES OLIVEIRA

<sup>1</sup> Acadêmico de Letras, UDC, Foz do Iguaçu-PR, Brasil, sidcleinagasawa@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica de Letras, UDC, Foz do Iguaçu-PR, Brasil, cg-danny@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico de Letras, UDC, Foz do Iguaçu-PR, Brasil, volnei\_v10@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica de Letras UDC, Foz do Iguaçu-PR, Brasil, angel\_h.tinha@hotmail.com

Seção Temática: Novos paradigmas do pensamento, da ação, da comunicação e da educação.

Apresentado no  
II Congresso Internacional de Sustentabilidade  
"Trabalho e Conhecimento: novos desafios"  
Brasil, 08 a 10 de setembro de 2010.

**RESUMO:** O presente artigo tem como meta primordial, investigar o papel da escola, no que concerne a representatividade sobre produção escrita em consequência do hábito de ler. Analisa-se, portanto, a importância da criatividade do estudante diante de tal conjectura. Tem-se como parâmetro a problemática de que em muitas escolas, alguns educadores têm como preocupação observar apenas a grafia correta e estética, deixando de observar a seqüência lógica de ideias, coesão e coerência textual. Insta ressaltar que existe o correlacionamento de leitura e escrita versus educação, uma vez que em junção à expressão do saber, pode-se afirmar a importância de se ter estes fatores interligados.  
Palavras -chave: Produção escrita, Leitura, Educação.

### WRITING A BETTER FUTURE

**ABSTRACT:** This article has the primary goal, to investigate the role of schools, regarding the representativeness of written work in consequence of the habit of reading. We analyze therefore the importance of creativity of the student before such conjecture. Has as parameter the problem that in many schools, some educators have noted as a concern only to correct spelling and aesthetics, failing to check the logical sequence of ideas, cohesion and textual coherence. It is noteworthy that there is correlation of reading and writing versus nurture, since joining in the expression of knowledge, one can affirm the importance of having these interrelated factors.  
Keyword: Written Production, reading, education.

**INTRODUÇÃO:** O objetivo central desta pesquisa foi observar o papel do educador perante o incentivo à produção de textos por parte de seus alunos. O interesse pelo assunto surgiu depois de verificar-se a grande dificuldade existente para a maioria dos jovens produzirem uma redação em vestibulares ou ENEM. A insegurança, que provém da falta de prática da escrita, é o maior problema para ao jovem de hoje. O mundo está cada vez mais individualista e grande parte dos jovens parecem esquecer que não escrevem para si, simplesmente não conhecem o destinatário de seus textos, não avaliam o poder da palavra, têm dificuldade na construção dos sentidos, escrevem como se fossem códigos dos quais apenas eles são sabedores, perdendo a função principal da escrita: a de

ser compreendido. Outro ponto que esta pesquisa aborda é a leitura, instrumento fundamental e base para a produção de bons textos.

**REFERENCIAL TEÓRICO:** Marcos Bagno afirma (2004, p.62) que não é necessário saber gramática para falar e escrever bem. "Se fosse assim todos os gramáticos seriam grandes escritores (coisa que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática." Partindo desta afirmação, constata-se que a escrita "simples" não significa falta de conhecimento, assim como uma escrita com vocabulário "rico", porém, sem coerência, torna o texto pobre.

"A leitura é bem sucedida se o que o leitor compreende é aquilo que o redator pretendeu comunicar. A escrita é bem sucedida se o redator consegue traduzir suas intenções de forma que o leitor possa recuperá-la sem dificuldades." (KATO, Mary A., p.97)

"A escola é o primeiro contato do cidadão com o Estado, e seria bom que ela não se assemelhasse a um bicho estranho, a um lugar onde não se cuida de coisas fora da realidade cotidiana. Com o tempo o aluno entenderá que para cada situação se requer uma variedade lingüística e será assim iniciado no padrão culto, caso já não o tenha trazido de casa". (CASTILHO, Ataliba T., 1998, p.21)

"Como ainda não somos uma sociedade leitora, não podemos esperar que o exemplo venha de casa. Ou acabaremos condenando as futuras gerações a também não ler... (é preciso) quebrar este ciclo vicioso, criando em seu espaço um ambiente ao leitor" (MACHADO, Ana Maria, Nova Escola, setembro 2001).

Para alguns o ato de ler quando não é imposição, é prazeroso, no entanto, para outros é apenas um preenchimento de tempo livre. Rubem Alves afirma que a leitura deve ser uma experiência de felicidade, é um exercício, que como as outras coisas boas da vida exige esforços. "Aprender a ler e escrever na escola deve, portanto, ser muito mais que saber uma norma ou desenvolver o domínio de uma tecnologia para usá-la nas situações em que ela se manifesta: aprender a ler e escrever significa dispor do conhecimento elaborado e poder usá-lo para participar e intervir na sociedade." (Luiz Percival Leme Britto).

Tal pensamento destaca uma das possibilidades para a inserção da leitura em crianças, que é a de dar opções livres para desenvolver naturalmente o gosto e o hábito pela leitura e, só então, fazer indicações de leituras mais objetivas, como as leituras de aprendizagem por exemplo. Assim, gradualmente a criança aceitará outras leituras e obterá o real aprendizado.

"Aprendi a escrever lendo, da mesma forma que se aprende a falar ouvindo. Naturalmente, quase sem querer, uma espécie de método sublimar". (QUINTANA, Mário. p.4) A leitura é o melhor caminho para se ter uma boa escrita, incentivá-la a fazê-la, a tornará um hábito natural.

**METODOLOGIA:** Seguindo o ciclo das hipóteses composto por Karl Popper, em que tudo depende da testagem para se chegar a um caminho viável a uma solução, porém, tendo como fundamento principal a detecção da problemática. Identificou-se como problemática do tema abordado a dificuldade dos jovens em produzir textos, devido à falta de leitura e o uso de melhores metodologias por parte dos professores.

Observando o problema e trabalhando com hipóteses para a solução deste, este artigo apresenta possíveis soluções para o tema abordado.

O método de análise partiu da confrontação teórica e das entrevistas realizadas.

**DESENVOLVIMENTO:** A escrita deve ser vista como um ponto de encontro entre o escritor e o leitor, onde haja respeito à opinião e ao ponto de vista alheio. O pensar livre ajuda o aluno a ser a personagem principal de sua aprendizagem e ele passa a fazê-lo de uma forma reflexiva, criativa e dinâmica.

"As atividades de leitura e escrita, bem como as reflexões metalinguísticas que delas derivam, são caminhos para o indivíduo crescer tanto cognitivamente quanto criticamente" (No Mundo da Escrita, p.8)

"Aprendi a escrever lendo, da mesma forma que se aprende a falar ouvindo. Naturalmente, quase sem querer, numa espécie de método sublimar" (Mário Quintana)

Produção de textos e leitura são atos inseparáveis, onde há um bom escritor certamente teremos um excelente leitor, o processo é gradual e assemelha-se ao falar. Um bebê necessita ouvir muito para, só então, balbuciar suas primeiras palavras, assim também é na escrita, quem escreve sem uma bagagem de leitura, na maioria das vezes, joga no papel palavras vazias.

Porém, isso não significa que não se deva começar a produzir textos escritos assim que a criança for alfabetizada, como citado anteriormente, o processo é gradual e somente a prática faz com que se escreva melhor.

Antes de alfabetizadas, as crianças já contam fatos, inventam pequenas histórias, descrevem passeios e brincadeiras, ou seja, elas naturalmente são produtoras de textos orais e quando motivadas, esforçam-se para cada vez mais fazerem melhor, portanto, elas não têm qualquer problema ou bloqueio para criar, já tem as ideias em suas mentes, os problemas começam quando elas têm que se adequar às regras gramaticais e ortográficas que, até então, são desconhecidas. É como se elas adentrassem em um mundo novo e fosse exigido que soubessem todas as normas e leis deste.

A escola até costuma induzir o aluno a produzir seus próprios textos, porém, na maioria das vezes, não dá a ele a liberdade de criar e o tolhe, preocupando-se mais com seus erros gramaticais e ortográficos do que com a sua originalidade e criatividade. Muitos professores agem como se fossem um gramático conservador pronto para dizer que não mais se escreve português neste país. O aluno, assim, assume que o seu ato de compor é um verdadeiro desastre, reprime-se, inferioriza-se, passa a não mais querer escrever e quando o faz, escreve apenas para uma pessoa, seu professor, tornando-se vítima dele, perdendo assim o maior objetivo da escrita.

Outro problema constante é o professor dispor de pouco tempo para ler os textos, o que o faz, muitas vezes, não encarar o texto como uma leitura e sim como correção. Um texto é feito primeiramente para ser compreendido, apreciado, estudado, e não somente para ser corrigido. O professor que faz o contrário é um tolhedor de sonhos. O educador deve ser um incitador e despertar o interior do aluno, fazendo com que a mente externe a criatividade que ele carregará e utilizará facilmente.

A redação escolar e de vestibulares transformou-se em um amontoado de macetes para se obter nota, o estudante preocupa-se muito mais com a estética, a gramática e a ortografia que com a criatividade, ele não se preocupa com a estrutura de seu pensamento, com o fazer-se entender, com o fazer-se claro e sim se quem a corrigir achará muitos erros.

Quando uma criança entra na escola, já é possuidora de grande conhecimento, os educadores, em geral, ao invés de aproveitarem este potencial e trabalhar em cima do que elas já sabem, fazem com que os alunos sintam-se como se não soubessem nada.

Leitura induzida é entendida, na maioria das vezes, pela criança como dever, como tarefa, deve-se desenvolver o interesse pelo conhecimento, a curiosidade em conhecer um novo e interessante mundo.

Confunde-se estudar língua portuguesa com estudar gramática, daí o erro de muitos professores imporem aos seus alunos o estudo "ao pé da letra" da gramática, teorias e regras, causando o medo de expressar-se livremente, de ser autêntico, voltamos à criança que conta belas histórias e não consegue pô-las no papel devido ao professor que pensa que suas tarefas são apenas corrigir e ensinar sem a elas somar o entender, partilhar e também aprender.

São necessárias certas mudanças de ensino para que se colham bons frutos. Os trabalhos devem ser compartilhados em sala de aula, pois ao ler e interpretar o que o colega escreveu, valoriza-se e toma-se conhecimento de suas ideias, de sua forma de se expressar. O aluno aprende que seu texto pode ter diferentes tipos de leitores e cada leitor

pode interpretá-lo de maneira diferente, fazendo-o orgulhar-se ao perceber a dimensão que suas palavras tomaram. No entanto, o professor deve ter cuidado, pois não são todos os alunos que aceitam bem uma crítica, ele deve dosar as expectativas, mostrar que o trabalho pode ser alterado.

Escrever é dom? Aprende-se a escrever? Para se escrever bem é necessário conhecer certas técnicas, porém, não é necessário conhecer todas as técnicas para começar a escrever. Quem escreve, o faz porque deseja reproduzir suas idéias através de palavras e só praticando é que cada um coloca sua personalidade e desenvolve suas próprias técnicas. O bom escritor é o que possui talento, que nada mais é que aptidão natural ou habilidade adquirida, ter talento nada tem a ver com dominar gramática. O escritor que se prende à gramática normativa torna-se artificial, enquanto o que se utiliza da gramática natural o faz com clareza.

A principal função de um texto deve ser a clareza, fazer-se entender é fundamental.

Pensar que a escola vai formar escritores é uma fantasia, no entanto, ela pode acabar com um futuro grande escritor, a tarefa principal da escola é formar cidadãos com espírito crítico, que saibam usar a língua escrita com clareza e segurança.

O ato de ensinar deve imitar a natureza, o método deve ser o mais natural possível, trabalhando com a intuição lingüística do aluno. O ensino deve ser centrado no estudante e não no professor.

"... a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgado exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis." (VERISSIMO, 1982).

Dispensáveis em nível de criação, ou seja, a gramática é indispensável, porém, em esboços e no momento em que fluem as ideias ela não deve ser imposta, para evitar o receio do erro e o impedimento da criatividade. As regras gramaticais podem vir depois como parte de uma revisão, respeitando a mensagem e o objetivo do autor. "... a intimidade com a gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria." (VERISSIMO, 1982)

Escrever seguindo rigidamente as regras gramaticais é exigência para textos informativos, onde não pode haver dúvidas na interpretação. Cada tipo de texto possui o seu tipo de leitor, escritos literários, por exemplo, têm toda a liberdade para não seguirem as regras gramaticais, podendo trazer interpretações diferentes a cada leitor. "A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda." (VERISSIMO, 1982)

Só existe gramática porque existem pessoas que utilizam a língua que ela prescreve, ou seja, começou-se a falar, depois a escrever, e só então, foi possível criar regras para estas atividades. É evidente que as regras são indispensáveis, mas deve-se respeitar a evolução da língua e a individualidade de seus usuários.

"O ensino tem que ser organizado, de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças, sejam algo de que elas necessitem... a escrita deve ser relevante à vida" (VYGOTSKY, L. S., p.133)

A leitura deve fazer parte do cotidiano, sendo utilizada em diversas tarefas, dando autonomia ao cidadão, não sendo ele apenas um simples leitor, mas sim um interpretador das palavras.

Carlos Drummond de Andrade pode ser corrigido por ter cometido o "sacrilégio" de usar o verbo "ter" no lugar de "haver"? O gramático Napoleão Mendes de Almeida foi um dos que o condenaram. Pessoas que agem assim são as verdadeiras "pedras no caminho".

S.S., 16 anos, aluno de uma escola pública de uma escola pública do interior do Paraná, relata que viveu um episódio parecido. O aluno conta que levou um poema e mostrou-o para a professora, seu texto começava assim: "Me esqueci de viver...", sua educadora mal leu o primeiro verso e o devolveu, dizendo que ele deveria ter escrito "Esqueci-me...". O aluno que pensara ter criado uma bela poesia pegou sua folha e jamais voltou a compor.

"Um ensino gramaticalista abata os talentos naturais, incute a insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo." (LUFT, Celso Pedro. p. 21).

Marcos Bagno em *Preconceito linguístico* (p.119) compara o ensino de língua portuguesa na escola a uma autoescola onde o instrutor ao invés de dirigir abre a tampa do motor e quer explicar o funcionamento de cada peça, como se para ser um bom motorista ele precisasse dominar estes conhecimentos.

"Ao recebermos um texto escrito por alguém (ou ao ouvir alguém falar), vamos procurar ver antes de tudo, o que ele/ela está querendo comunicar, para só depois nos preocuparmos com os detalhes de como ele/ela está se comunicando. Vamos fazer a nós mesmos as seguintes perguntas:

- Esse texto (ou esse discurso) é coerente?
- Traz ideias originais?
- Ofende algum princípio ético?
- É preconceituoso?
- Reproduz ideias autoritárias ou intolerantes?
- Mostra um espírito crítico ou criativo?
- Demonstra um senso estético?
- Comunica que sentimentos?
- Ensina-me algumas coisas?
- Desperta minhas emoções? Quais?

-...

E assim por diante. Isso é que é educar: dar voz ao outro, reconhecer seu direito à palavra, encorajá-lo a manifestar-se... Sem isso, não é de admirar que a atividade de redação seja tão problemática na escola." (BAGNO, p. 138-139)

Quando a criança é incentivada desde pequena a ouvir e ler histórias, ela viaja para um mundo imaginário, ou de pensamentos jamais visitados, alcançando horizontes muito além dos seus.

O professor deve ser um mediador entre o aluno e a leitura, estimulando-o a buscar e criar o gosto pelos livros, o professor que não gosta de ler não deve ser professor de língua portuguesa, isso seria uma total incoerência e um desrespeito ao aluno.

Ana Maria Machado, em entrevista concedida à Revista Educação de abril, de 2002, é enfática ao criticar a condição não leitora dos professores: "*Gente que não gosta de ler não pode ensinar a ler. É igual a um instrutor de natação que não gosta de nadar, e por isso tenta ensinar os alunos do lado de fora da piscina. Eu questiono a formação do leitor. Quantos livros de literatura não-obrigatória um professor lê por ano? Se o professor lê, não tem como não passar isso para o aluno. Quem gosta de ler está sempre falando de livro, recomendando leituras para outras pessoas, é algo que contagia e flui naturalmente.*"

Se a criança não tem contato com pessoas que a incentivem a ler não significa que ela esteja fadada a tornar-se um repudiador de leituras, mesmo em um país como este, onde os adultos dificilmente recomendam leituras, isso pode ser resolvido em espaços educativos que lhe permitam fazer da leitura um hábito prazeroso.

"Não existe forma, método, fórmula ou suporte técnico único para colaborar na criação de um ambiente favorável à leitura. Pode ser um livro, um sorriso, uma música, uma idéia, uma história, um conto, uma palestra, a expressão simpática e sempre bem-humorada, uma visita, uma atitude atenciosa, uma resposta oportuna, uma informação ainda não solicitada, um gesto solidário ou uma atitude dinâmica em busca de soluções. Também importante para a criação desse ambiente adequado à leitura é a atenção dada ao local, à sua organização e manutenção – variantes que pedem soluções criativas, conferindo aos espaços externo e interno da escola e da biblioteca um aspecto agradável que se renova e é convidativo." (MARTINEZ, Lucila, CALVI, Gian, p.24).

A criatividade pode ser encontrada até onde não se espera, basta aguçar o externar do pensamento. "Com razão disse VOSSLER que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilística que todo o mundo expressional de um Shakespeare" (BECHARA, Evanildo. 2009, p.616).

Carol Simionato é uma jovem de 15 anos, estudante de escola pública, mora em Santa Terezinha do Itaipu, é amante das letras e foi vencedora do concurso Literatura em

Movimento, vejamos o que ela relata sobre sua expectativa e sobre a maneira como professores a incentivaram durante seu período escolar.

*"Eu acho que há uma imposição, não incentivo. Tem-se que fazer um texto sobre um livro, tem-se que fazer um texto sobre tal assunto, tem-se. Não há uma liberdade de escolha de tema, ou nada assim. Algumas professoras que tive já deixaram mais livre e incentivaram, inclusive, há uma professora que considero a que mais me ajudou, que me deu aula por três anos. Acredito que fui a mais incentivada por ela pois me deixei incentivar, mas os outros alunos não tinham grande interesse em produzir. Acho que o incentivo deveria começar antes, muito antes, para que não ficasse como uma obrigação (quando de tema livre) ou imposição (quando de tema escolhido). E além do incentivo, tem o problema do reconhecimento. Os escritores jovens não são incentivados - nem reconhecidos. Um aluno que ganha qualquer outro tipo de prêmio é mais reconhecido do que um escritor. Eu já ganhei mais de um concurso relacionado à literatura, tanto no colégio, mesmo, quanto municipais, e agora, estadual. Mas nunca tive o reconhecimento de um aluno que ganhou uma medalha jogando futsal, por exemplo. Acredito que essa supervalorização do físico, não do mental (por assim dizer) está meio que incutida na cultura do brasileiro, ao menos, é o que me parece. Já fiz um jornal no colégio, e somente três alunos ajudando. Uma professora que mal corrigia o jornal. Se tinha alguma edição, liam, se não tinha, pediam quando iria sair, mas nada de se interessar mais. Aliás, eu poderia até resumir o incentivo a isso: se você ganha um concurso, a "direção" gosta, diz "parabéns", esquece. Se você não ganha, ninguém fica sabendo que participou. Eles ficam felizes porque é bom para o colégio, quer dizer, um ganhador aqui, sob nossa direção!, mas isso não é o incentivo que eu esperava. Alguns professores ainda tentam fazer um bom trabalho, mas é sinceramente difícil."*

Perguntada sobre a expectativa de futuro como escritora, Carol respondeu:

*"Eu gostaria muito de ter um futuro nesta carreira. Sempre estarei escrevendo. Enquanto meu cérebro ainda tiver oxigênio, e meus dedos fôlego, eu estarei produzindo. Eu não espero ser famosa, ou até mesmo rica; eu espero poder viver do que mais amo, e ter uma platéia, ainda que pequena. Cinco leitores dedicados são melhores do que mil que só leram o prefácio. Não sei se eu conseguirei me sustentar só de escrita, mas o que eu sei é que não desistirei. Enquanto alguém estiver lendo, eu estarei escrevendo. E se acaso não mais lerem, eu ainda estarei escrevendo, ainda que seja apenas para mim. Mas, se tudo der certo, ainda haverá bons livros com meu nome nas prateleiras pelo mundo afora! Não me imagino estando sem escrever. Sempre terei de estar cercada por letras. Ainda que eu não consiga me entender ou entender o mundo, escrever me faz sentir melhor, mais completa, embora com alguns vazios significativos. Sem a escrita, esses vazios seriam buracos enormes, entretanto. Escrever é necessário. Acredito que todos deveriam escrever. Não em busca de fama (sabemos que os decentes, hoje em dia, não a têm), mas como forma de se conhecer, de ser bom consigo mesmo. Escrever é um ato pessoal e intransferível que, ocasionalmente, vai a público."*

Muitos talentos foram perdidos durante este tempo em que foram colocadas barreiras entre o aluno e a liberdade de expressão na escrita, assim como muitos livros que poderiam ter influenciado a novas perspectivas foram deixados de ser lidos. Ainda existem muitos abismos entre o contato do aluno e a liberdade de usar seu conhecimento natural.

Incentivar o aluno a produzir textos é olhar para frente, é o não trabalhar com respostas conhecidas, respostas conhecidas deixam a pessoa no mesmo lugar, deve-se buscar o novo, o criativo, o único.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** É evidente que o estudante ávido por leitura e que não foi reprimido por métodos conservadores de ensino tende a ser muito mais crítico, reflexivo e criativo. O professor deve ser incitador do pensamento, levando seus alunos a serem problematizadores, alunos que saibam visualizar, refletir e agir. Não queremos com este estudo desqualificar a gramática normativa, mas que professor, aluno e cidadãos em geral compreendam que ela existe para auxiliar e não para escravizar.



Que a sala de aula seja um lugar de troca de informações, onde tanto aluno, como professor possam aprender, onde possam expressar-se livremente e respeitosamente. Que a gramática cumpra o seu papel de ser a estrutura de uma grande construção, e que os alunos sejam capazes de dar um belo acabamento às palavras.

A maioria dos alunos tem naturalmente em suas mentes o local propício para criar, basta uma pequena fagulha (incentivo) e um bom combustível (leitura), para o fogo (produção de textos) iniciar, aí é só continuar alimentando-o com o bom combustível para não mais se apagar. Algumas vezes esta chama pode tornar-se tão forte que atinge os que o rodeiam, tem-se em casos como este o ciclo perfeito da formação de um bom produtor textual.

**AGRADECIMENTOS:** Às professoras Alessandra Cristina Valério, Ana Lúcia M. Rios Coimbra, Maria Aparecida da Silva e Rita Andrade, que não mediram esforços para a orientação do desenvolvimento deste trabalho, também à UDC – União Dinâmica de Faculdades Cataratas pela oportunidade concedida.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico. 33.ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Brasileira. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. disponível em <http://alfabetizacaoemfoco.blogspot.com/2009/09/reflexoes-sobre-o-ensino-da-leitura-e.html> - 04/09/10
- CASTILHO, Ataliba T. de. A Língua Falada e o Ensino de Português. São Paulo: Contexto, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristóvão, Prática de Texto, 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KATO, Mary A., No Mundo da Escrita – Uma perspectiva sociolinguística, 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LUFT, Celso Pedro, Língua e Liberdade, 3.ed. São Paulo: Ática, 2001
- MARTINEZ, Lucila, CALVI, Gian, Escola, Sala de Leitura e Bibliotecas Criativas – O Espaço da Comunidade, 4.ed. São Paulo: Global, 2004
- PERINI, Mário A., Sofrendo a Gramática. São Paulo: Ática, 1997
- QUINTANA, Mário, Caderno H, Porto Alegre: Globo, 1973.
- VERISSIMO, Luis Fernando, O Gigolô das Palavras, Porto Alegre: L&PM Editores, 1982.
- VYGOTSKY, L. S., A formação Social da Mente – São Paulo: Martins Editora, 2007.



## A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E OS PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS

ROSANE WANDSCHEER BORTOLINI

Seção Temática: Novos paradigmas do pensamento, da ação, da comunicação e da Educação.

Apresentado no  
II Congresso Internacional de Educação e Comunicação  
“Trabalho e Conhecimento: novos desafios”  
Brasil, 08 a 10 de setembro de 2010.

**RESUMO:** Com base nas teorias epistemológicas, a produção do conhecimento tem sido desde o período grego objeto de estudo, de preocupações, discussões e reflexão em busca da verdade. A partir de uma fundamentação histórica e bibliográfica, obtém-se clareza do processo pelos quais as teorias em busca de verdade absoluta acabam por não darem conta do vasto campo do conhecimento. Há no processo filosófico histórico várias tentativas de teóricos rumo a comprovações científicas de conhecimentos, no sentido de comprovar ou não a veracidade de tal descoberta. Contudo, surgem os problemas do conhecimento, conhecido como problemas epistemológicos que estão diretamente relacionados às teorias de comprovações científicas do conhecimento. Entre vários autores da modernidade, Dutra pontua os problemas epistemológicos da Ciência e Morin destaca a produção descontrolada do saber no mundo globalizado.

Palavras-chave: problemas epistemológicos, produção do conhecimento.

**ABSTRACT:** On the basis of epistemological theories, knowledge production has been from the Greek period studied, concerns, discussions and debate in search of truth. From a historical and background literature, you get clarity of the process by which theories in search of absolute truth end up not realizing the vast field of knowledge. There are in the process of philosophical history several attempts towards theoretical scientific knowledge proofs, to prove the veracity or otherwise of such a discovery. However, there are problems of knowledge, known as the epistemological problems that are directly related to the theories of scientific proofs of knowledge. Among several authors of modernity, Dutra punctuates the epistemological problems of science and Morin emphasizes the uncontrolled production of learning in the globalized world.

Keywords: Epistemological problem, production of knowledge

**INTRODUÇÃO:** Este artigo tem como objeto de estudo a produção do conhecimento e os problemas epistemológicos, no sentido de, levar os leitores a reflexão acerca do conhecimento científico, sendo ele fundamental para compreender a expansão desenfreada, do conhecimento, da informação e da comunicação nesta era global.

É praticamente impossível discutir sobre a produção do conhecimento, entendido também como pesquisa, sem citar, mencionar e relacionar a epistemologia e os problemas epistemológicos, bem como situar-se historicamente.

O conhecimento científico nesta era global tem sido cada vez mais acessível. Observamos diariamente crianças, jovens e adultos terem fácil acesso a meios de comunicações que permitem proximidade. Porém, é fácil observar que muitos leitores não fazem distinção do

que é conhecimento com base científica do que é meramente uma suposição, senso comum ou informação.

Nesse sentido, é necessário distinguir o que se caracteriza como científico do que podemos definir como informação. Portanto, faz-se necessário debruçar sobre a epistemologia e os problemas epistemológicos, numa abordagem dialética - filosófica - histórica, demonstrando, a busca pela verdade absoluta ou verdades.

## A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E OS PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS

A epistemologia tem origem grega, o sentido mais freqüentemente utilizado para sua referência é teoria da ciência ou filosofia da ciência, porém, há também a utilização do termo epistemologia para designar uma disciplina filosófica e não apenas o conhecimento contido nas ciências, o que levou a disciplina a ser designada por teoria do conhecimento.

Com base nos problemas epistemológicos, podemos dizer que a filosofia da ciência seria uma teoria epistemológica ou teoria dos problemas epistemológicos apresentados pelas ciências.

"O termo epistemologia e a expressão filosófica da ciência são muitas vezes utilizados como sinônimos. Analisando etimologicamente o termo epistemologia, encontramos sua origem nos vocabulários gregos 'epistême e logos o que nos dá um sentido próximo de : estudo da ciência, em analogia com a biologia, a geologia e assim por diante." (Dutra , 2003: p.11)

Contudo, o estudo e a investigação dos problemas epistemológicos relacionados com o conhecimento científico denominam-se filosofia da ciência, que Dutra (2003, p. 12) destaca como "a disciplina que trata dos problemas cognitivos mais gerais ou mais básicos". A filosofia da ciência, então, é utilizada como sinônimo de teoria da ciência.

Para Dutra (2003), ao produzir conhecimento científicos não se deve descartar que existem problemas, portanto enuncia e explica os principais problemas da Epistemologia da Ciência, dividindo-os em quatro:

1. Problemas de aceitação das teorias científicas, refletindo em que condição aceitamos uma teoria? Surgem, então, os Realistas Científicos (Richard Boyd): que acreditam que as teorias são empiricamente adequadas porque são aproximadamente verdadeiras, com confiabilidade instrumental<sup>5</sup> e os Anti-realistas (Bas van Fraassen): que aceitam uma teoria, e não outra, porque ela parece mais simples, mas nada garante que a teoria mais simples esteja mais próxima da verdade.

2. Problema da Confirmação das Teorias Científicas, no sentido de que, se aceitamos uma teoria científica, como faz para verificá-la? Quando podemos dizer que uma teoria foi verificada?

Na concepção vulgar da Ciência, quando um experimento confirma uma teoria ou verifica, mostra que ela é verdadeira. Assim, para a confirmação das teorias científicas recorre à experiência.

Surgem os problemas de demarcação e o de explicar o que é ciência e com eles duas correntes: o Falseacionismo (Popper), em que a experiência não pode nos dar garantias da verdade de uma teoria, pode às vezes mostrar que a teoria é falsa e os Empiristas-lógicos (Carnap e Reichenbach), com problemas lógicos especiais (relação com o problema da Indução de Hume)<sup>6</sup>, lógicas indutivas no sentido da confirmação da verdade ou não, é o estudo do funcionamento das inferências indutivas e daquilo que as possibilitaria e a experiência como instrumento para verificar uma teoria.

<sup>5</sup> Confiabilidade instrumental: Bom instrumento de predição dos fenômenos ou do comportamento das coisas.

<sup>6</sup> Não confiar plenamente no que aprendeu no passado, pode não ser útil no presente.

3. Problema do Progresso da Ciência, partindo da visão de que na concepção vulgar da ciência é possível confirmar as teorias científicas dando base experimental para nossa crença na verdade (aproximada) dessas teorias.

Assim, quanto mais aperfeiçoamos as teorias científicas mais perto da verdade estaremos e, portanto a ciência estará fazendo progresso, mas é importante ressaltar a possibilidade de haver progresso mesmo que não seja possível confirmar as teorias.

O problema do progresso da ciência pode ser dividido entre o Falseamento (Popper) quando refutamos uma teoria (quando ela é falsa) temos a oportunidade de construir uma melhor, assim o progresso da Ciência ocorre através de refutações em um processo contínuo de eliminação de erros, e os paradigmas (Thomas S. Kuhn) em que as tradições científicas se consolidam em uma série de realizações. Nesse sentido, toda atividade científica é relativa a um paradigma e este não apenas fornece uma imagem da natureza, mas também do próprio fazer científico.

Há paradigmas rivais e incomensuráveis. Quando se passa de um paradigma a outro temos uma revolução científica, há um rompimento radical da nova tradição com relação à antiga.

4. Problemas das Explicações dadas com base em Teorias Científicas, nas quais, a explicação é uma atividade não da Ciência pura, mas da Ciência aplicada e dar uma explicação científica não se distingue de fazer uma predição com base em uma teoria científica. Na Teoria Pragmática da Explicação (Bas van Fraassen) há: a explicação como uma relação de três termos, teoria – fato – contexto, por isso uma teoria científica que permite boas explicações em determinado contexto pode não permiti-las em outros; e acreditava poder explicar casos que os modelos nomológicos-dedutivo e da relevância estatística não enfrentavam com sucesso.

A produção do conhecimento, independente do campo de investigação, observados os problemas da demarcação (problemas de Kant), está subordinado aos principais problemas da epistemologia da ciência ligados à atividade científica.

Dutra destaca os problemas epistemológicos numa abordagem histórica de busca da cientificidade do conhecimento. Portanto, a busca pelo conhecimento comprovado como verdade ou pelos conhecimentos comprovados como verdades é processual, dialético, filosófico e histórico.

"Na modernidade, a ciência tornou-se instância hegemônica de conhecimento, ao se propor como substituta da metafísica, área filosófica que pretendia ser um modo verdadeiro e universal de se conhecer o real." (Severino, 2007, p.106)

A globalização e a complexidade acarretam uma expansão descontrolada do saber, da informação e da comunicação. Pontuar, contudo, a importância da pesquisa é compreender e conhecer o que é científico.

Para Gil (2010, p.1):

"Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõem informações suficientes para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser relacionada ao problema."

Saber pesquisar, é saber distinguir o saber científico da mera transmissão de informação, é pensar criticamente, filosoficamente, é entender a complexidade da ação – reflexão.

Para Vega, Almeida, Petraglias (2001, p. 125):

"...na transmissão de informação há sempre um risco de erro no momento da recepção. O conhecimento é o seguinte: aquilo que situa, que contextualiza, que globaliza a informação e um certo número de dados anteriormente conhecidos."

Atualmente, a produção do conhecimento está atrelada às necessidades impostas pelo sistema de produção capitalista, sendo o conhecimento uma produção científico-tecnológica

decorrente do desenvolvimento dessa sociedade, o sujeito necessita, para seu domínio, desenvolver determinadas habilidades e competências.

Porém, a crescente necessidade, a superespecialização e a hiperespecialização produz conhecimento, mas produz também a ignorância e a cegueira. Em outras palavras, além, da preocupação de confiabilidade teórica, o problema da fragmentação do conhecimento.

Segundo Morin (2000), a complexidade existe trazendo componente que constitui o todo e são inseparáveis. A fragmentação do conhecimento torna invisíveis os conjuntos complexos, as interações e retroações entre parte e o todo, as entidades multidimensionais e os problemas essenciais.

Morin (2000) destaca três desafios que levam ao problema essencial da organização do saber, que são assim definidos:

O desafio cultural, dividido entre cultura humanística estimuladora da reflexão e integração (pessoal) do saber e a cultura científica que separa as áreas do conhecimento.

O desafio sociológico divide-se em três: a informação (matéria prima que o conhecimento deve dominar e integrar), o conhecimento (revisado permanentemente pelo pensamento) e o pensamento (capital mais precioso para o indivíduo e a sociedade).

O desafio cívico está relacionado ao enfraquecimento da responsabilidade global, tende a assumir tarefa especializada. "Quanto mais técnica torna-se a política, mais regride a competência democrática" (MORIN, 2000, p. 19).

"A finalidade de nossa escola é ensinar a repensar o pensamento, a 'des-saber' o sabido e a duvidar da sua própria dúvida, está é a única maneira de começar a acreditar em alguma coisa (Juan de Mairena, in MORIN, 2000, p. 21)".

Para Morin (2000) o papel da educação enquanto complexidade é promover o desenvolvimento das competências favorecendo a aptidão natural da mente na resolução de problemas. E para isso, a curiosidade que é aniquilada pela instrução deve ser estimulada, essencialmente na infância e na adolescência que são períodos de maior incidência.

A curiosidade é um dos passos fundamentais para se tornar um pesquisador. Estimular a curiosidade é estimular o interesse pelo conhecimento, pela sabedoria, é entender que o desenvolvimento do ser humano, bem como sua sobrevivência depende diretamente e indiretamente do seu intelecto.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Contudo, a atividade científica se caracteriza por lançar novas hipóteses, explicar, prever, controlar as previsões, pois a ciência não procura resultados definitivos.

A existência de problemas epistemológicos confirma que não existem afirmações tidas como "a verdade", essas fazem parte dos mitos e não da ciência.

Desse modo, as universidades estão organizadas de modo que possam desempenhar sua tríplice função: Ensino, Pesquisa e Extensão. A Pesquisa, no entanto, deve estimular e dominar qualquer outra função, por possuir a característica de elaboração e criação de ciência.

É a pesquisa que imprime à Educação Superior seu caráter universitário, pondo-a em condições de contribuir para o aperfeiçoamento constante do saber humano, que deve perdurar pela vida.

A pesquisa desperta o interesse pelo conhecimento no sentido de interiorizar princípios e aceitar a epistemologia como uma ciência parcial, contraditória e com diferentes construções de conceitos, podendo até criticar discursos já aceitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et a. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 10ª ed. RJ: Espaço e Tempo; SP: EDUC, 2001.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **Introdução à Teoria da Ciência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.



- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Editora Atls S.A., 2010
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- HEGERNBERG, Leônidas. **Explicações científicas: Introdução a teoria da ciência**. SP: Ed. Pedagogia e universitária LTDA, 1973.
- SANTOS, Robson dos. **O professor e a produção do conhecimento numa sociedade em transformação**. Revisa Espaço Acadêmico – N<sup>o</sup>35 – Abril/2004 – Mensal; ISSN 1519. 6186.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23<sup>a</sup> Ed., São Paulo: Cortez, 2007.
- VEGA, A. P., ALMEIDA, C.R.S., PETRAGLIA, I. **Edgar Morin: Ética cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.



## FATO SOCIAL: O DESINTERESSE E O DESCASO PELA EDUCAÇÃO INFANTIL DOS FILHOS.

ALINE CRISTINA PARO <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia, UDC, Foz do Iguaçu – PR, Brasil, [alineparo21@gmail.com](mailto:alineparo21@gmail.com)

Seção temática: As novas formas de organização social, cultural e do trabalho

Apresentado no  
II Congresso Internacional de Sustentabilidade  
“Trabalho e Conhecimento: novos desafios”  
Brasil, 08 a 10 de setembro de 2010.

**RESUMO:** Existem problemas sérios na educação, um deles é o descaso e desinteresse dos pais em relação à educação infantil de seus filhos. Toda criança precisa de cuidados, carinho e atenção para se desenvolver plenamente. Para analisar esses problemas como se deve, é preciso entendê-los sob uma ótica científica, como a sociologia. A melhor maneira, nesse caso, é usar a teoria do fato social para esclarecer nossas dúvidas, buscando-se, assim, a solução do problema em questão. Neste sentido, este artigo procura demonstrar como se encontra o aprendizado e como é a atenção dos responsáveis sob a educação infantil. Assim sendo, espera-se entender o problema e sempre buscar uma solução melhor, nada é perfeito, mas o educador nunca deve esquecer a natureza de sua prática e necessariamente aplicá-la.

Palavras-chave: fato, descaso, educação.

**ABSTRACT:** There are serious problems in education; one of them is the parents disregard and indifference towards of their children's education. Every child needs care, affection and attention to develop fully. To analyze them as they must be, it's need to understand them on a scientific perspective, such as sociology. The best way, in this case, is to use the social fact theory to clarify our doubts, looking for, so, the solution to the concerned problem. For this, this article seeks to demonstrate as is the learning and know how it is under the attention of the early childhood education. Therefore, we wait to understand the problem and always look for a better solution, nothing is perfect, but the educator must never forget the nature of his practice and apply it is necessarily.

Keywords: fact, neglect, education.

**INTRODUÇÃO:** A ausência do apoio da família na educação infantil é um dos grandes problemas contemporâneos que pode causar evasão e repetência na escola, além de trazer sérios danos ao desenvolvimento cognitivo dessas crianças, assim como pode dificultar o processo ensino aprendizagem. O abandono intelectual desses estudantes, muitas vezes, não é tratado como deveria. Algumas pessoas entendem como problemas familiares que acontecem rotineiramente, mas é muito mais que isso. Não ocorre isoladamente, existe um coletivo de responsáveis infantis que não se preocupam com a educação dessas crianças, por isso se tornou um problema sério de difícil solução em nosso país como um todo. Assim sendo, devemos analisar esse problema sob uma ótica sociológica, utilizar dos estudos de Durkheim, principalmente, ao que diz respeito ao fato social, pois esse é um problema que vem tomando grandes proporções em nossas escolas de ensino fundamental. Ao realizar pesquisa de campo com doze professores e coordenadores em seis escolas diferentes, pode-se perceber a dimensão desses acontecimentos. Atualmente, a grande

maioria dos pais recebeu uma educação muito severa; com a intenção de educar seus filhos de modo diferente, esses pais confundiram liberdade com permissividade.

**REFERENCIAL TEÓRICO:** Para este trabalho foi utilizado um referencial bibliográfico, relacionado a assuntos sobre educação, bem como estudos de teorias sociológicas, principalmente o fato social de Durkheim que serviu de plano de fundo para execução deste trabalho.

**METODOLOGIA:** Esse artigo foi realizado no município de Foz do Iguaçu, que se encontra no estado do Paraná, desde o começo do mês de Março, do ano de 2010, com intuito de entender melhor o descaso dos pais com a educação infantil de seus filhos. Para tanto, foi necessário utilizar alguns livros que se encontram na referência bibliográfica, bem como pesquisa de campo em algumas das escolas de Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

**DESENVOLVIMENTO:** Ao analisar diversos paradigmas educacionais, podemos perceber que o desinteresse e o descaso em relação à educação infantil por parte dos responsáveis, tornaram-se um problema de difícil solução, que pode causar sérios déficits no desenvolvimento cognitivo infantil, assim como pode colocar em risco a aprendizagem dessas crianças. O grande problema é que isso pode causar o aumento de adultos analfabetos e semi-analfabetos. Quando essas crianças crescerem não terão condições suficientes de se manterem ativas no mercado de trabalho. Educarão seus filhos da mesma maneira que foram educadas e esse ciclo vicioso perdurará. A primeira impressão que temos é que não passam de pequenos problemas familiares, os quais são normalmente comuns. Porém, quando refletimos insistentemente, percebemos que esse problema é crucial na educação infantil, e que não acontece isoladamente, existe um grande número de famílias com esse mesmo problema, por isso deve ser tratado com seriedade, estudá-lo e analisá-lo para tentar resolvê-lo. Para tanto, utilizaremos o positivista Émile Durkheim para estudarmos cientificamente essa questão.

Ao procurar conhecer a vida social, uma das preocupações de Durkheim (1994) era avaliar qual método permitiria fazê-lo, de maneira científica, superando as deficiências do senso comum. Durkheim, um dos pensadores que mais contribuiu para fazer da sociologia uma ciência empírica, primeiro professor universitário de sociologia, perpetuou seus estudos deixando inúmeros admiradores. Vivendo na Europa, em uma época conturbada por guerras e revoluções, em que velhos conceitos morais estavam sendo corroídos, percebeu que era necessário formar novos valores que se adaptassem à nova ordem emergente. Acreditava que a vida coletiva não era uma mera ampliação da vida individual, mas sim, algo muito mais complexo e irreduzível às partes que a constituía. A vida em sociedade é exatamente o objeto de estudo da sociologia, segundo Durkheim (1994); para ele, esta área deveria ser estudada de acordo com seu método positivo; observada, induzida e experimentada. Via na ciência social uma expressão da consciência racional, sem se esquecer da articulação com a história, economia e psicologia, assim como várias outras ciências da natureza que utilizou em seu trabalho.

O Fato Social: Em sua abrangência, o objeto de estudo da sociologia é a sociedade, mas a especificidade do objeto sociológico é a ciência das instituições; todo comportamento coletivo, formas de agir fixas ou não, exteriores ao indivíduo e que lhe impõem, sempre, com interesse social. Segundo Durkheim (1994), o fato social ocorre com um objetivo pré-estabelecido e para um fim determinado; ele entende que o homem é um produto da sociedade. Os fatos sociais só podem ser explicados por meio de seus efeitos sociais, como a divisão do trabalho; não é possível estudá-lo como tal e entendê-lo como fato social, é necessário explicar seus efeitos coletivamente para que este seja entendido sociologicamente.

A sociedade não é uma soma de indivíduos que forma um todo; ela é, sim, constituída por partes que a compõem, mas é muito mais complexa que isso, é uma mistura que não se encontra isoladamente, assim, o estudo é dirigido ao todo, e não às partes. A sociedade compõe-se, primeiramente, da ideia que ela faz de si mesma, deste modo, a mentalidade do grupo não é a mesma que a dos indivíduos, a chamada consciência da sociedade existe por meio de consciências particulares que se unem; agem e interagem, fundindo-se em uma

nova consciência que não está fora da sociedade real, é parte dela. Esse termo poderia ser utilizado para quase todos os fenômenos sociais, contudo, se todos os fatos fossem sociais, a sociologia não teria seu próprio objeto de estudo e poderia ser confundida com outros fenômenos da natureza. Para que haja, realmente, um fato social, é necessário que exista uma organização definida, como a moral e o regimento das leis, por exemplo. Em toda nossa sociedade há fatos sociais que se diferenciam por suas características e se distinguem dos outros fenômenos da natureza. Uma instituição é uma tradição importantíssima da sociedade – um tipo de ação, interação, papel ou organizações relevantes. Ela é muito valorizada – considerada muito importante para a maioria de nós -, e nos sentimos na obrigação de defendê-la, até mesmo de lutar por ela, conforme Charon (2000). De acordo com esta concepção, existe também o conceito de instituição social, que pode ser entendido como o fato social, estabelecido com todas as suas características. Alguns teóricos defendem a ideia de que as duas teorias podem ser entendidas da mesma maneira, até porque as explicações são muito semelhantes e a diferença entre as duas teorias é muito tênue. Basicamente, a diferença é que a instituição social é amplamente entendida como um conjunto de regras e procedimentos padronizados, reconhecidos, aceitos e aprovados pela sociedade.

**Características do fato social:** O fato social é explicado por Durkheim (1994), como o objeto de estudo da sociologia; para ele, são produtos criados pela consciência das pessoas, tais como:

**A Coletividade:** Logo se percebe que é de importância fundamental para a existência do fato social, porque este só pode acontecer no interior das relações humanas, é necessário que ocorra interação entre os indivíduos para que o fato social aconteça; sendo assim, dá-se através do pensamento coletivo, como, por exemplo, o futebol, que só ocorre se envolver um coletivo de pessoas.

**A Anterioridade:** Esta pode ser confundida com a historicidade, porém, essas duas características possuem dissonâncias; anterioridade é aquilo que acontece antes da participação do indivíduo na sociedade e continuará acontecendo quando o indivíduo não estiver mais participando da sociedade. Isso acontece com qualquer pessoa, quando se estabelece uma relação entre indivíduos, é possível perceber, naturalmente; pessoas vêm e vão, mas o fato social continua.

**A Historicidade:** Nesse sentido, ela vem marcar os fatos decorrentes nas instituições sociais, como acontece com a música, que tem uma história longa. Durante muitos anos a música passou por diversas transformações e continuará se transformando enquanto existir. A análise e o estudo sistemático do que aconteceu é a própria historicidade em si.

**A Coercitividade:** São fatos que acontecem independente da vontade do indivíduo. De fato, a coesão social, segundo estudiosos, foi a característica que consagrou o fato social. Segundo o mesmo, a sociedade é dotada de um poder coercitivo em virtude do qual impõe ao indivíduo, são forças que mantêm os homens juntos e em sociedade, que permite viver em certa ordem social. As pessoas, quando nascem, já encontram pronta a cultura, a religião, o sistema monetário, enfim, há um conjunto de acontecimentos aos quais o indivíduo deve se submeter para poder viver.

**A exterioridade:** Dentre as características mais marcantes, podemos perceber que todas elas estão interligadas. "Assim também o devoto, ao nascer, encontra prontas as crenças e as práticas da vida religiosa; existindo antes dele, é porque existem fora dele" (DURKHEIM, 1994, p.46). Este trata-se, pois, do conceito que o fato social é exterior ao indivíduo e não pode ser controlado pelo mesmo, será vivenciado em sociedade, seus acontecimentos e suas mudanças acontecem independentemente da vontade das pessoas. Caso queira trabalhar, tem de se levar em consideração o que a sociedade exige para o trabalho, é claro que haverá uma tendência a gostar do que lhe é mais conveniente, porém, muitas profissões sumiram, enquanto outras apareceram com o decorrer do tempo, o que a sociedade necessita é o que os indivíduos aprendem.

**A Educação Entendida como Fato Social:** A condição de fato social não se aplica necessariamente que este é nocivo às pessoas, pelo contrário, o fato social é uma condição

fundamental para a vida em sociedade. Deve ser estudado e analisado como tal, procurando antever soluções possíveis, porque até mesmo uma mudança brusca desses pais é possível nessa teoria de Durkheim. O descaso e o desinteresse das famílias pela educação infantil de seus filhos tornaram-se, isoladamente, um fato social, carrega consigo todas as características que o compõem.

A Coletividade: É improvável que uma escola tenha um aluno somente. A educação existe em coletividade e para a mesma. Vários alunos compõem uma classe, várias salas de aula compõem uma escola, existe um coletivo de professores e toda uma organização de gestores para tanto. Não é somente uma família ou um responsável que trata a educação infantil com descaso, por isso, tornou-se uma dificuldade frequente nas escolas, se não houvesse a coletividade da questão, não haveria problema.

A Anterioridade: Suponhamos que uma determinada criança começa a fazer o primeiro ano do ensino fundamental, independentemente de como a família a trata e protege; filhos de pais relapsos estão lá antes de essa criança adentrar pelos portões da escola e continuarão existindo, mesmo depois que essa criança saia da escola e antes que muitas outras entrem.

A Historicidade: As crianças estão indo para a escola sem cuidados necessários por parte de seus responsáveis, isso nem sempre foi o problema que é, cada período histórico teve um problema marcante na educação, e este tem em si uma história. Faz parte de uma cadeia de acontecimentos sociais que acabaram por resultar em pais relapsos. De quando passou a existir até quando perdurar insistindo, existem várias características que formam essa historicidade ao decorrer do tempo.

A Coercitividade: As grandes vítimas desse problema são as crianças, e são elas que sofrem mais com a coercitividade; estão começando a viver em sociedade e seus responsáveis não lhes dão alternativas, é-lhes imposta a condição de não ter quem as conduza. É pelo senso comum que entendemos que a grande maioria dos pais ama seus filhos, estes, por sua vez, sabem que é contra-indicado o descaso com a educação primária e, mesmo sabendo disso o fazem, porque existe uma série de problemas em suas vidas que os fizeram agir como agem. Por isso que lhes impõem essa condição coercitiva.

A Exterioridade: Os problemas citados acima não fazem parte da consciência individual desses pais, são-lhes impostos e, além de coercitivos, são exteriores ao indivíduo. Quanto às crianças, o descaso é mais visível, já que sua exterioridade é submetida aos cuidados de seus pais.

Dentre os principais teóricos da educação, destacasse Paulo Freire, segundo ele p Educador precisa ser arquiteto, físico, matemático e terapeuta ocupacional, tudo isso se encontra no núcleo da experiência interdisciplinar da educação.

Ainda nessa mesma ideia "O trabalho preocupado com Educação Popular tem sido relevante para todos nós, técnicos de várias formações; não é privilégio de Educadores (ou pedagogos) essa chance de re-ver-se a partir do compromisso com grupos populares" (FREIRE; NOGUEIRA; MAZZA, 2001). A reprodução de classes: Dentre as várias divisões na sociedade, uma delas é o fator social, provavelmente a mais assoladora delas. Este é um problema que adentrou pelos portões da escola e que se pode entender que a educação destinada às classes baixas é diferente das classes altas, ainda nesse pensamento, a escola é concebida como um lugar neutro em que muitos vão estudar para terem condições de, futuramente, prover-se do próprio trabalho, porém, esses estudantes não têm a mesma condição de vida, nem as mesmas oportunidades.

"Muitas pessoas acreditam que há oportunidades para todos – que todos têm uma chance aproximadamente igual de ser bem sucedidos. É difícil para nós perceber que a desigualdade está embutida na própria natureza da sociedade, que somos todos, na verdade, parte de estruturas sociais que tolhem a igualdade de oportunidades. A maioria de nós passa boa parte da vida tentando ter sucesso em uma sociedade que, em nossa percepção, é aberta" (CHARON, 2000, p. 83).





quarto ano do ensino fundamental, quatro alunos a cada dez recebem orientação. Esse número fica ainda menor no último ano do ensino fundamental: nesse quinto ano, somente dois alunos a cada dez recebem a orientação educacional de que necessitam.

Resultados da Pesquisa de Campo: A grande maioria dos professores pesquisados respondeu que o que pode ser feito em âmbito municipal, estadual e nacional para melhorar a educação é poder contar com o apoio, cuidado, afeto e zelo da família para com os alunos. Dos dezesseis professores e coordenadores entrevistados, doze entenderam, dentre os fatores que, os que estão mais carentes para fornecerem condições adequadas de desenvolvimento cognitivo infantil são o afeto, interesse, cuidado e zelo da família e estrutura familiar. Em segundo lugar, ficaram as desigualdades sociais como relevante para o desenvolvimento cognitivo infantil. Para acabar com essa defasagem no desenvolvimento cognitivo infantil, quatorze professores disseram que é necessário melhorar a atenção educacional, os pais não devem fazer as tarefas por seus filhos e, sim, orientá-los ao aprendizado para trabalharem junto com a escola durante o processo ensino-aprendizado de seus filhos. As atitudes que deveriam ser tomadas pelas autoridades educacionais, segundo a opinião de treze professores, seria promover cursos de capacitação familiar, bem como palestras, entre outros, para auxiliar a família na orientação educacional de seus filhos para que pais e responsáveis entendam o que é necessário ser feito a respeito da educação. Ao perguntar para os professores e coordenadores quem é a família atualmente; dos dezesseis entrevistados, quinze responderam que nos dias de hoje não há como dizer quem é a família das crianças, porque houve muitas separações e casamentos com outros cônjuges que, por sua vez, se separaram e casaram novamente. Isso resultou numa árvore genealógica muito difícil de compreender; os responsáveis pelo desenvolvimento infantil podem ser avós, irmãos mais velhos, padrastos, madrastas, enfim, quem se declarar responsável por tal criança.

Quando foi perguntado qual é o papel da família no desenvolvimento cognitivo infantil, todos os professores foram categóricos ao responderem que a educação começa em casa, a família deve cumprir o dever de educar os filhos sociologicamente adequados, caso contrário, a maioria das crianças tornará vulnerável aos perigos atuais, e não terá condições de se desenvolver plenamente.

E qual seria a opinião dos professores sobre o que a ausência de auxílio educacional pode provocar no desempenho e na produtividade escolar? Dez professores responderam que as crianças ficam sem um ponto de referência, a maioria delas não conseguirão se desenvolver plenamente, mas algumas conseguirão vencer esse desafio. Sobre essa mesma pergunta, seis professores e coordenadores responderam que a ausência educacional pode ocasionar diversos riscos, como por exemplo, a falta de noção sobre certo e errado, mas se o aluno se dedicar e a escola também, é possível dar a essa criança um bom desenvolvimento. É inaceitável que os pais façam a tarefa de seus filhos, eles devem auxiliá-los para acompanhar o processo ensino-aprendizagem, foi o que disseram doze professores ao serem perguntados a respeito de os pais que fazem tarefa de casa e trabalhos dirigidos para seus filhos, sem a participação destes. Os professores e coordenadores ficaram um pouco divididos ao perguntar qual seria a educação que um responsável relapso pela educação infantil recebeu. Nove responderam que, provavelmente, esses pais relapsos receberam a educação que repassam a seus filhos, o que se tornou um problema sério com a educação infantil atual. Enquanto isso, sete das pessoas entrevistadas responderam que não receberam uma educação de qualidade, mas tiveram um cuidado mínimo que lhes possibilitou desenvolver-se adequadamente.





(1994), nenhum fato social é estático, a sociedade muda constantemente, por isso uma mudança positiva é a melhor solução. Essa não é uma tarefa fácil; é necessário que haja envolvimento dos professores, do governo e da sociedade em geral, que busque educar não somente as crianças, mas também os pais que não receberam educação adequada, "ensinar a ensinar" é a conhecidíssima frase constantemente falada pelos bons profissionais da educação.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- CHARON, Joel M. Sociologia. 5.ed. São Paulo, 2000.  
DURKHEIM, Émile. Sociologia e Filosofia. Tradução Paulo J. B. São Paulo: San Martin, 1994.  
FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. MAZZA, Déboa. Fazer Escola Conhecendo vida. 8.ed. São Paulo, 2001.  
QUINTANERO, Tânia. BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. OLIVEIRA, Gardênia Monteiro de. Um Toque de Clássicos. 2.ed. Minas Gerais, 2001.